

Maureen_2022



patrocínio



parceria



realização



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



Maureen_2022



THE OLGA KOS INSTITUTE WAS BORN TO PROMOTE social integration and fight exclusion. We focus our attention mainly on people with intellectual, visual, phonetic, hearing or locomotion disabilities, but what we have learned in these 15 years of activity is that the most serious form of exclusion is social exclusion. For economic, cultural or ethnic reasons, thousands of people are excluded from access to better opportunities in life, work, cultural access or simply socializing. With each new editorial project, we look for artists and photographers whose work can be deployed in artistic stimulation workshops for those we serve. But at the same time, we are looking for artists whose thinking and thematic choices are somehow related to our values and motivations.

Photographer Maureen Bisilliat is internationally recognized for her intense creativity and also for her love of cultural manifestations and the Brazilian way of life. Over the last few decades, since she adopted Brazil with all her fulfilling impetus, Maureen's gaze has always been linked to popular art and Brazilian culture in a broad, inclusive and non-prejudiced way.

That was how she worked as a photojournalist, curator of cultural institutions and even in her commercial activity for years ahead of the O Bode store, which revealed popular art in its exuberant richness of manifestations.

Maureen worked in the inlands of this continental country giving speech and, mainly, image to the humblest Brazilians, reverberating the voice of some of our greatest poets, writers and thinkers.

From the Amazon to the Midwest, from the South to the Northeast, from the outskirts to the big cities, in her documentary saga Maureen portrayed Brazilians regardless of their economic position, race, gender or creed. Her attentive and tender gaze saw value and beauty in the most humble of works, in the most intimate of celebrations and festivities. Valuing each individual and the expressive potential in everyone.

Her life and work are an inspiration for us to continue our work and reinforce our vocation.

Olga and Wolf Kos
"Embrace this cause"

O INSTITUTO OLGA KOS NASCEU PARA PROMOVER A INTEGRAÇÃO social e combater a exclusão. Voltamos nossa atenção principalmente para pessoas com deficiências intelectuais, visuais, fonéticas, auditivas ou de locomoção, mas o que temos aprendido nestes 15 anos de atividade é que a mais grave forma de exclusão é a exclusão social. Por questões econômicas, culturais ou étnicas milhares de pessoas são excluídas do acesso a melhores oportunidades de vida, de trabalho, de acesso cultural ou simplesmente de convívio.

A cada novo projeto editorial procuramos artistas e fotógrafos cuja obra possa ser desdobrada em oficinas de estimulação artística para aqueles que atendemos. Mas simultaneamente buscamos artistas cujo pensamento e escolhas temáticas estejam de alguma forma relacionadas aos nossos valores e motivações.

A fotógrafa Maureen Bisilliat é reconhecida internacionalmente por sua intensa criatividade e também pelo seu amor às manifestações culturais e o modo de vida dos brasileiros. Ao longo das últimas décadas, desde que adotou o Brasil com todo seu ímpeto realizador, o olhar de Maureen esteve sempre ligado à arte popular e à cultura brasileira de modo amplo, inclusivo e não preconceituoso.

Assim foi sua atuação como fotojornalista, como curadora de instituições culturais e até mesmo em sua atividade comercial durante anos à frente da loja O Bode que revelava a arte popular em sua exuberante riqueza de manifestações.

Maureen trabalhou nos interiores deste país continental dando fala e principalmente imagem aos brasileiros mais humildes, reverberando a voz de alguns de nossos maiores poetas, literatos e pensadores. Da Amazônia ao centro-oeste, do sul ao nordeste, das periferias aos grandes centros, em sua saga documental Maureen retratou brasileiros independentemente de sua posição econômica, raça, sexo ou crença. Seu olhar atento e terno viu valor e beleza no mais humilde dos trabalhos, na mais íntima das comemorações e festejos.

Valorizando cada indivíduo e o potencial expressivo em todos.

Sua vida e sua obra são uma inspiração para continuarmos nosso trabalho e um reforço a nossa vocação.

Olga e Wolf Kos
"Abraça esta causa"

THE MOUNTAIN RANGES OF THE EXPRESSIVE ARTS have their crowning peaks, majestic and imposing. They are inescapable references for those who venture into climbing a particular art or craft.

In Brazilian photography, Maureen Bisilliat produced some of these reference peaks that guide, inspire and challenge photographers of several generations. Such are her studies of the Xingu people's body writing, such is the revelation she made of the backlands of Guimarães and also her plunge into the crab muds. They are immortalized visions, forming the image of what we are as a country.

In the creative power of her 9 decades, she offers us every day new ideas, re-visions of her work, the warmth of her artistic intelligence, her empathy and generosity. For young and veteran photographers alike, hearing Maureen talk about her work is an inspiring gift.

An attentive gaze that always learns from the work of others and returns disconcerting lines of discoveries, praise and enthusiasm.

Talking with Maureen is learning. Learning about Brazil, art, photography, popular expression and literature. It's learning about the human and the generosity of the gaze, the inventive gaze and the gaze full of affection and poetry. Following her trajectory makes us think of this generosity of Brazil that transforms travelers and foreigners into Brazilians who are more Brazilian than many natives.

It is precisely this welcoming soul (already a little beaten up) that Maureen tells us about. With its Perspectives and Ecolines.

The first idea of this book was to contemplate a revision of her work in search of a vanished Brazil, which she dubbed KD (which sounds like "where" in Portuguese). - this Brazil that she helped map and promote. But in the course of editing, she invented these Perspectives that re-diagrammed her deepest series, inspired by the authors who made up their minds on the script to understand the country.

It was this series that turned the book horizontal, series that Maureen built on black, shadow, contrast. This penumbra from which Maureen knew how to make the most beautiful piece of the essence of this people emerge. The same penumbra from which the images in the Ecolines series emerge, processed over decades by her retina-mind before making them explode in extremely strong color, texture and vibration.

Maureen continues to create, always, so the book is not a retrospective, but it is Maureen in 2022 active and creative.

AS CADEIAS DE MONTANHAS DAS ARTES expressivas tem seus picos culminantes, majestosos e imponentes. São referências inescapáveis para os que se aventuram na escalada de uma determinada arte ou ofício.

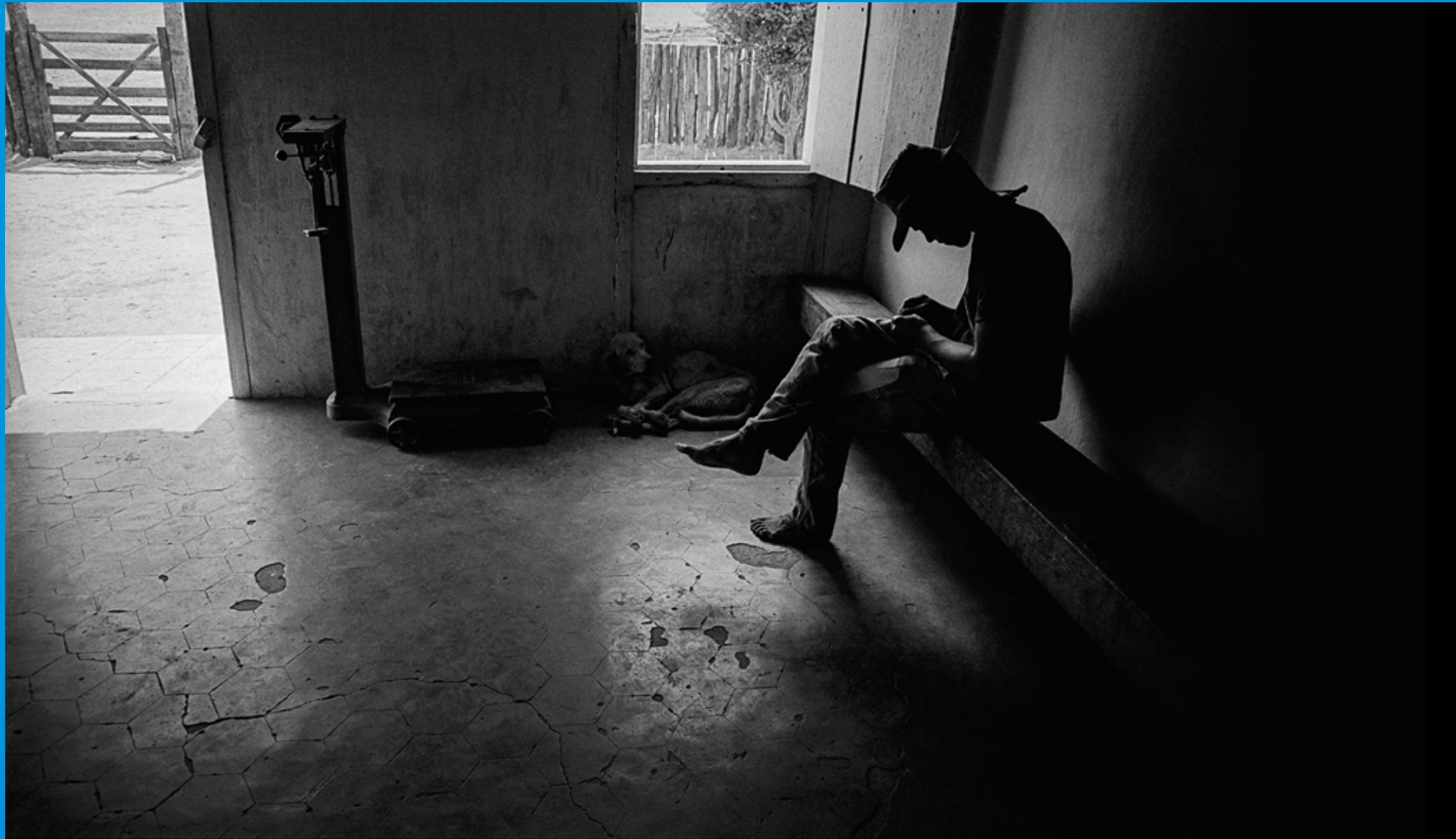
Na fotografia brasileira Maureen Bisilliat produziu alguns destes picos-referência que norteiam, inspiram e desafiam fotógrafos de várias gerações. Assim são seus estudos da grafia corporal dos xinguanos, assim é a revelação que fez dos sertões de Guimarães e também seu mergulho na lama das caranguejeiras. São visões imortalizadas, formadoras da imagem do que somos como país. Na potência criativa de suas 9 décadas ela nos brinda todos os dias com novas ideias, re-visões de sua obra, o calor de sua inteligência artística, sua empatia e generosidade. Para fotógrafos jovens ou veteranos, ouvir Maureen falar de seus trabalhos é dádiva inspirativa. Um olhar atento que sempre aprende com o trabalho dos outros e devolve falas desconcertantes de descobertas, elogio e entusiasmo. Conversar com Maureen é aprender. Aprender sobre o Brasil, sobre a arte, sobre a fotografia, a expressão popular e a literatura. É aprender sobre o humano e a generosidade do olhar, o olhar inventivo e o olhar cheio de afeto e poesia. Acompanhar sua trajetória nos faz pensar nesta generosidade do Brasil que transforma viajantes e estrangeiros em brasileiros mais brasileiros do que muitos nativos. É justamente desta alma acolhedora (já meio surrada) que Maureen nos fala. Com suas Perspectivas e Ecolines.

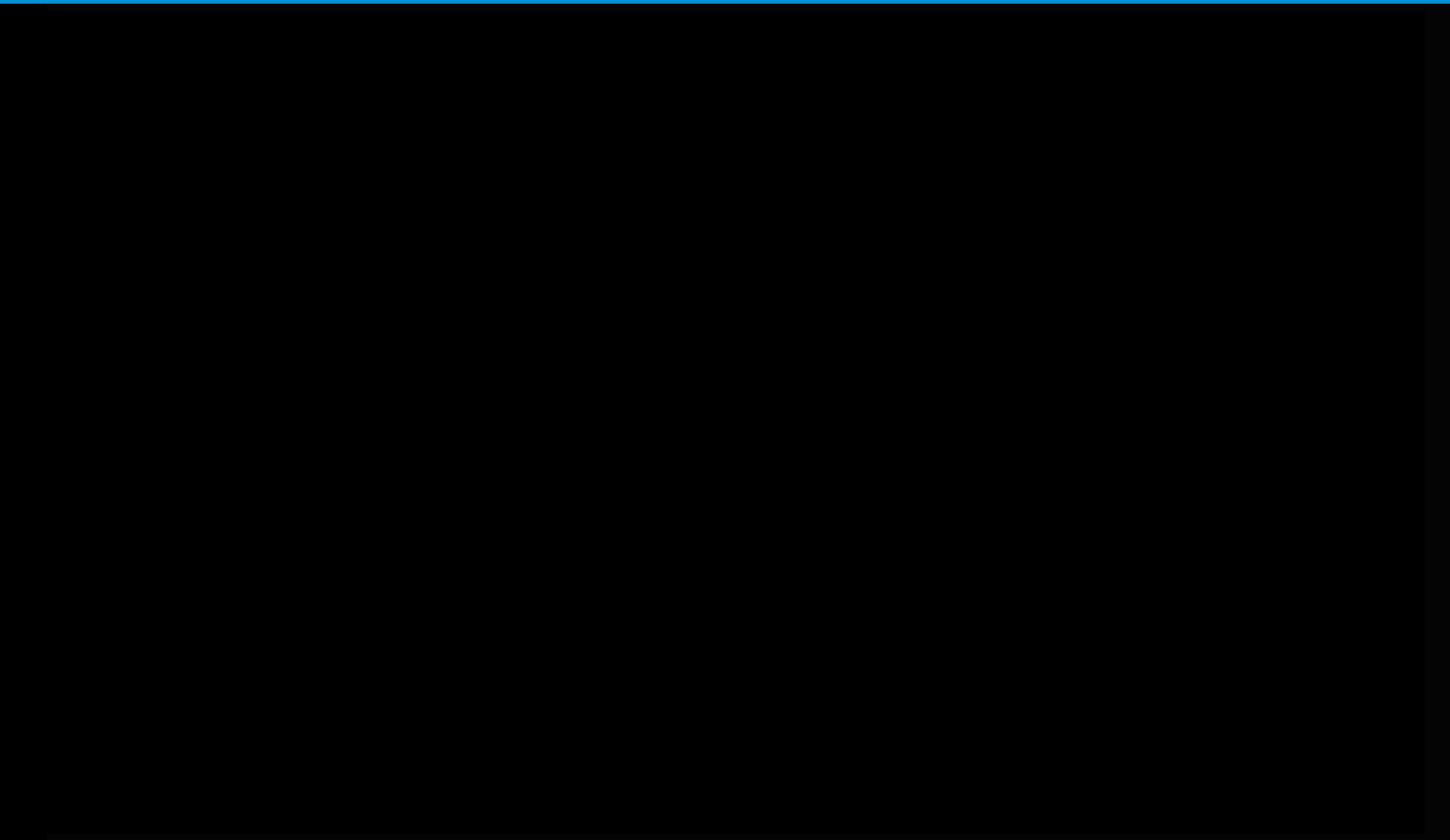
A primeira ideia deste livro era contemplar uma revisão de sua obra em busca de um Brasil sumido, que ela apelidou de KD (ou cadê?) - este Brasil que ela ajudou a mapear e promover. Mas no curso da edição ela inventou estas Perspectivas que re-diagramaram suas séries mais profundas, inspiradas nos autores que fizeram sua cabeça no roteiro de entender o país. Foi esta série que definiu o sentido horizontal para o livro, série que Maureen construiu sobre o negro, a sombra, o contraste. Esta penumbra de onde Maureen soube fazer emergir o pedaço mais belo da essência deste povo. A mesma penumbra de onde surgem as imagens da série Ecolines, processadas ao longo de décadas por sua mente-retina antes de fazê-las explodir em cor, textura e vibração fortíssimas.

Maureen continua criando, sempre, por isso o livro não é uma retrospectiva, mas é Maureen em 2022 ativa e criativa.

Nas PERSPECTIVAS que compõem este ensaio, inspiradas na veia poética de grandes escritores nacionais*, procurei equivalências entre o mundo escrito e o mundo visto – traço de união entre passado e presente – onde a emoção destilada da palavra se faz presente nos gestos das populações. Visionei as raças, não o pathos mas a voz rouca do povo, o olhar preciso e os passos fundos de suas danças nas ruas sem fim. Intuindo o efêmero decalquei, nos anos de andanças, alguns instantes e nem sempre os mais penetrantes, da redonda diversidade popular. De temerosa responsabilidade o debruçar sobre as tradições de um povo. Pelos erros e acertos, pelo que vi e não captei, peço compreensão.
/ MAUREEN BISILLIAT

* João Guimarães Rosa / Jorge Amado / João Cabral De Melo Neto / Jorge De Lima / Adélia Prado / Euclides Da Cunha / Ariano Suassuna / Mário De Andrade





*Eu sou onde eu nasci.
Sou de outros lugares.*

*Só se pode viver perto de outro,
e conhecer outra pessoa,
sem o perigo de ódio,
se a gente tem amor.*

*Qualquer amor
já é um pouquinho de saúde,
um descanso na loucura.*

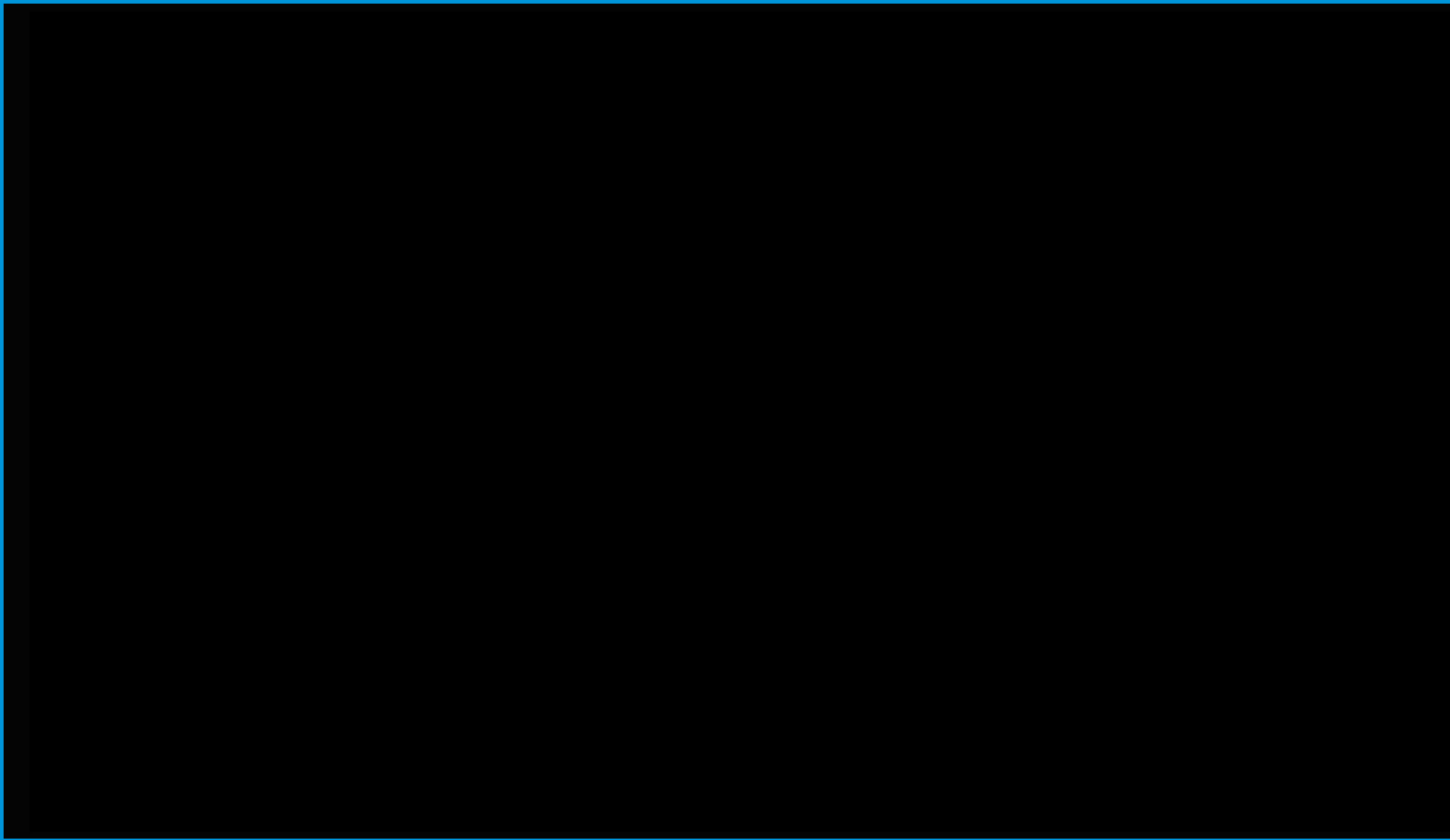
*Tem hora que eu penso que a gente carecia de repente,
de acordar de alguma espécie de encanto...Quando a
gente dorme, vira de tudo: vira pedra, vira flor.*

*Olhe:
muito em além,
vi lugares de terra queimada,
e chão que dá som – um estranho.
Mundo esquisito!*

GRANDE SERTÃO: VEREDAS
João Guimarães Rosa







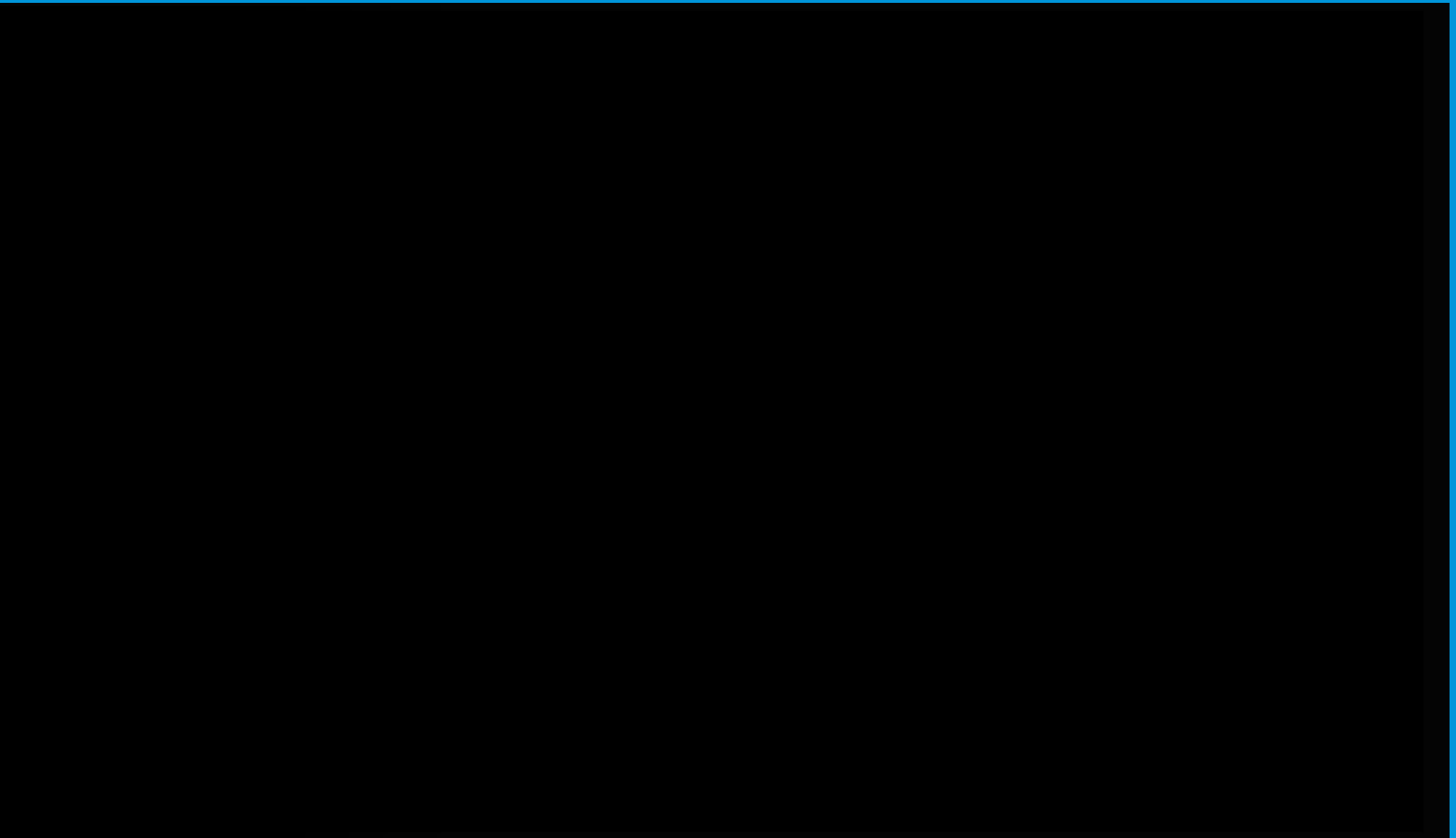


Maureen Bisilliat veio com seu livro nos ensinar a Bahia, sua grandiosidade. Com ela percorremos os caminhos, as avenidas, as ruas...subimos e descemos as ladeiras, penetramos nos becos, descobrimos atalhos. A geografia da cidade se abre para nós. Mas o fundamental focalizado pela arte da fotógrafa é o povo presente e atuante, o povo nas ruas vivendo suas alegrias e suas tristezas, superando obstáculos, cantando, dançando, na criação da vida de cada dia.

O livro é um canto de amor.

JORGE AMADO













A praça é do povo, amiga, como o céu é do condor.

A praça é do povo, amiga. É o seu campo de batalha, onde ele protesta e luta.... A multidão se agita na praça como o mar em tormenta que destrói navios e invade o cais.

A Tenda dos Milagres se transformava no coração, no centro vital de toda aquela parte da cidade, onde processa, potente e intensa, a vida popular.

Milagre é isso, meu amor – Rosa ali dançando, a saia branca, rodada, as sete anáguas, os braços e os ombros num sob a bata de rendas, os colares, as contas, as pulseiras, o riso agreste.

Lá fora as barracas têm nomes como versos.

O oceano é muito grande, o mar é uma estrada sem fim, as águas são muito mais que a metade do mundo, são três quartas partes e tudo isso é de Iemanjá.

Rompeu a aleluia sobre o mar de Itapoã, a brisa veio pelos ais de amor e, num silêncio de peixes e sereias, a voz estrangulada de Flor em aleluia; no mar e na terra aleluia, no céu e no inferno aleluia!

Frases escolhidas dos livros:

Abe de Castro Alves

Tenda dos Milagres

Dona Flor e Seus Dois Maridos

Bahia de Todos os Santos

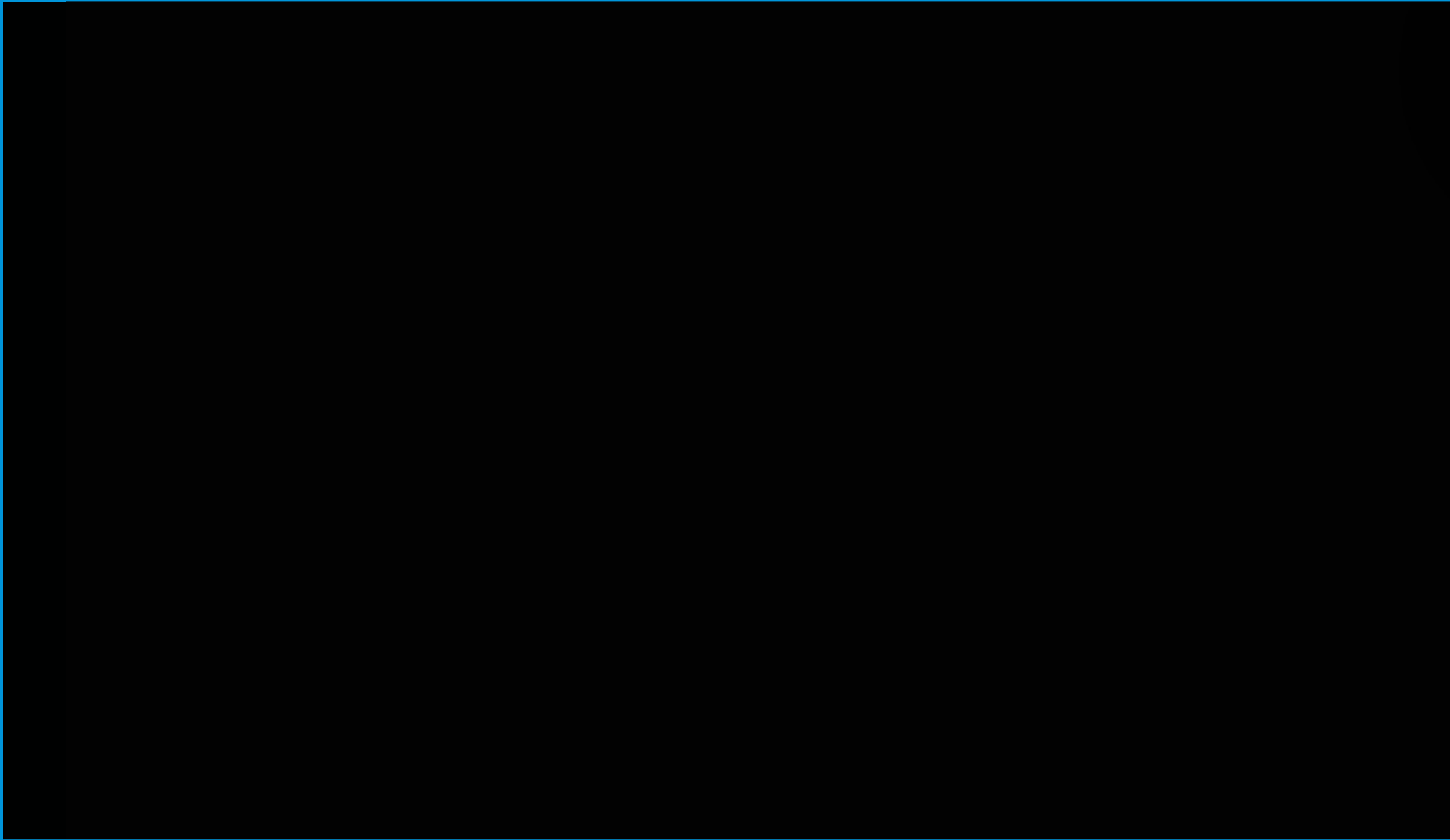
BAHIA AMADA AMADO

Meu envolvimento com a Bahia começou nos fins dos anos 50, na época do Professor Edgar Santos, saudoso reitor da Universidade da Bahia, um momento de intercâmbio intensa entre a energia baiana e artistas vindos de outros lugares do Brasil e do mundo, ligados ao teatro, cinema, dança e às artes visuais. Quando cheguei a Salvador senti a cidade fervilhando com atividades. Foi um momento especial e, apesar de não fazer parte dele diretamente, ficava estimulada pela energia do momento.

Junta isso ao esplendor de Salvador com sua orla de chão batido, mar, xaréu e pescador. Parecia ser como sempre foi – pelo menos na minha imaginação – a Bahia de Jorge Amado, um mundo aberto à soltura e loquacidade de seus habitantes: marinheiros, pescadores, trabalhadores das terras escuras do cacau: Gabriela, Dona Flor e aquele menino livre, sofrido e solto: Jubiabá.

Encontrei alguns deles nas ruelas e linhas tortas do destino!

/ MB



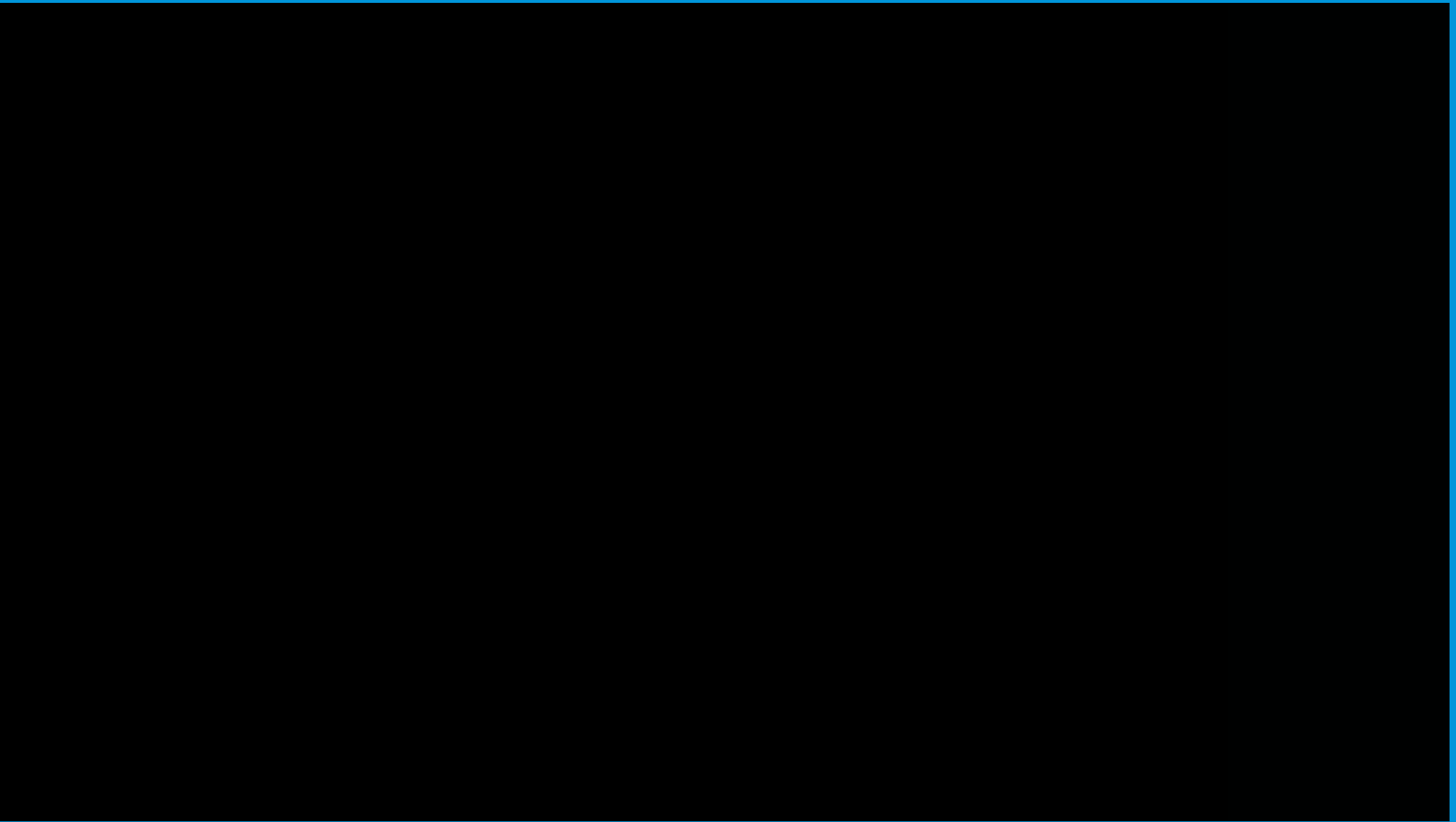


A série *Pele Preta* deriva de meus tempos de estudante, quando frequentemente ateliês de modelo vivo, atenta à anatomia, à movimentação do corpo e à iluminação. O corpo humano, minha porta de entrada na pintura, acabou por levar-me à fotografia.

/ MB

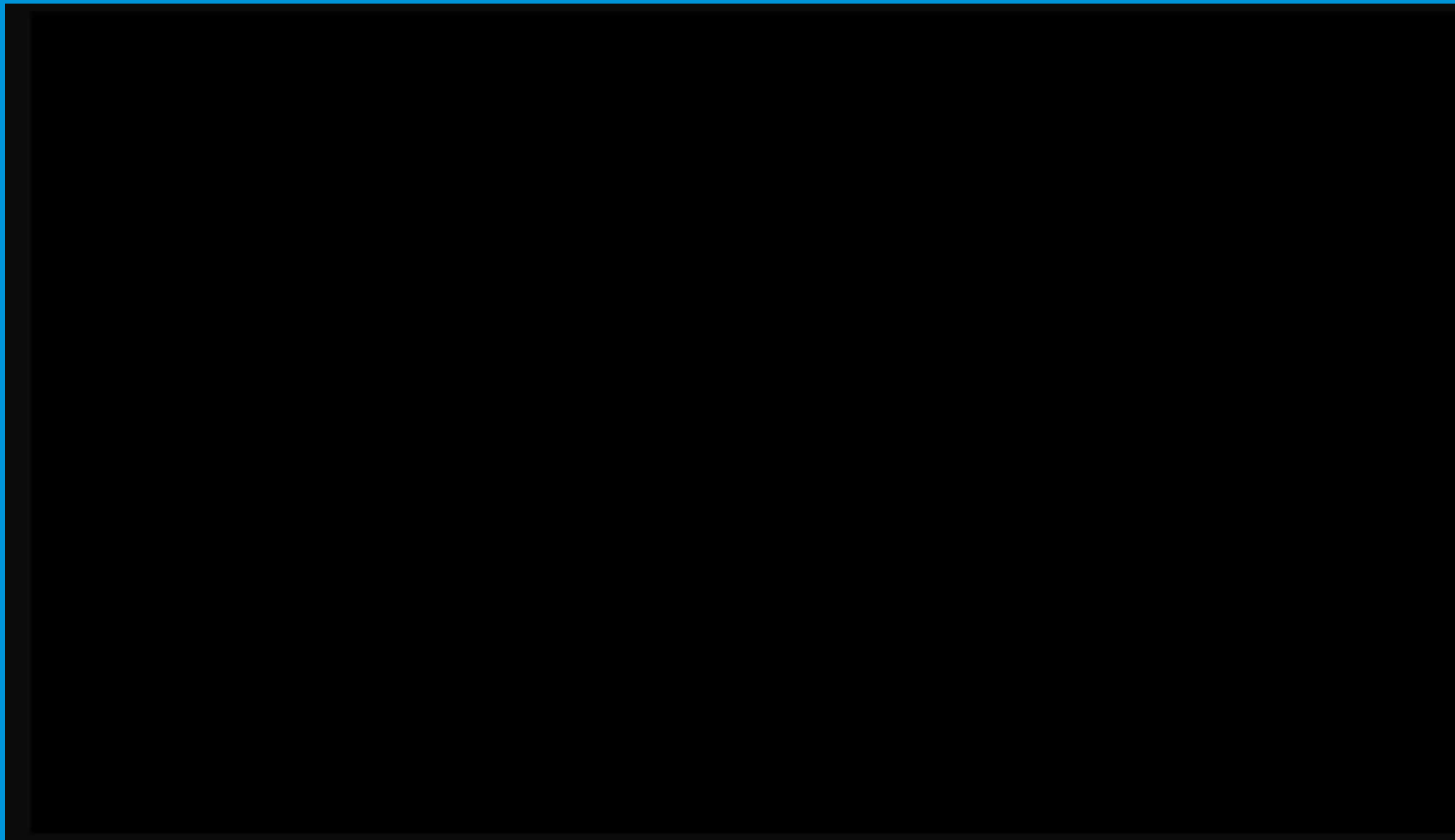


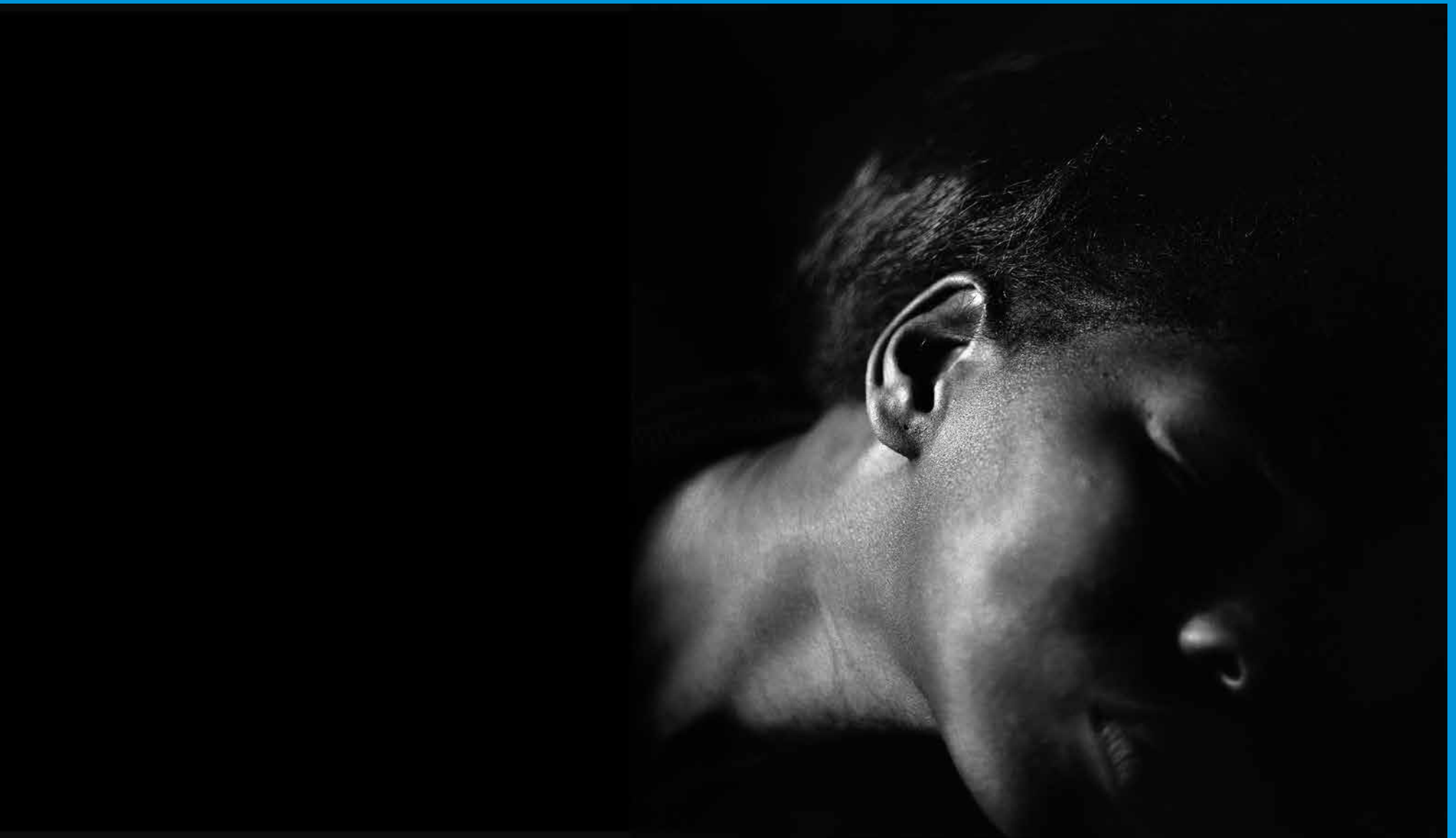












PELE PRETA

*O menino passa a testa
e sonha de noite quieta
da lâmpada apagada
com o mundo maravilhoso
que ele tirou no nada...*

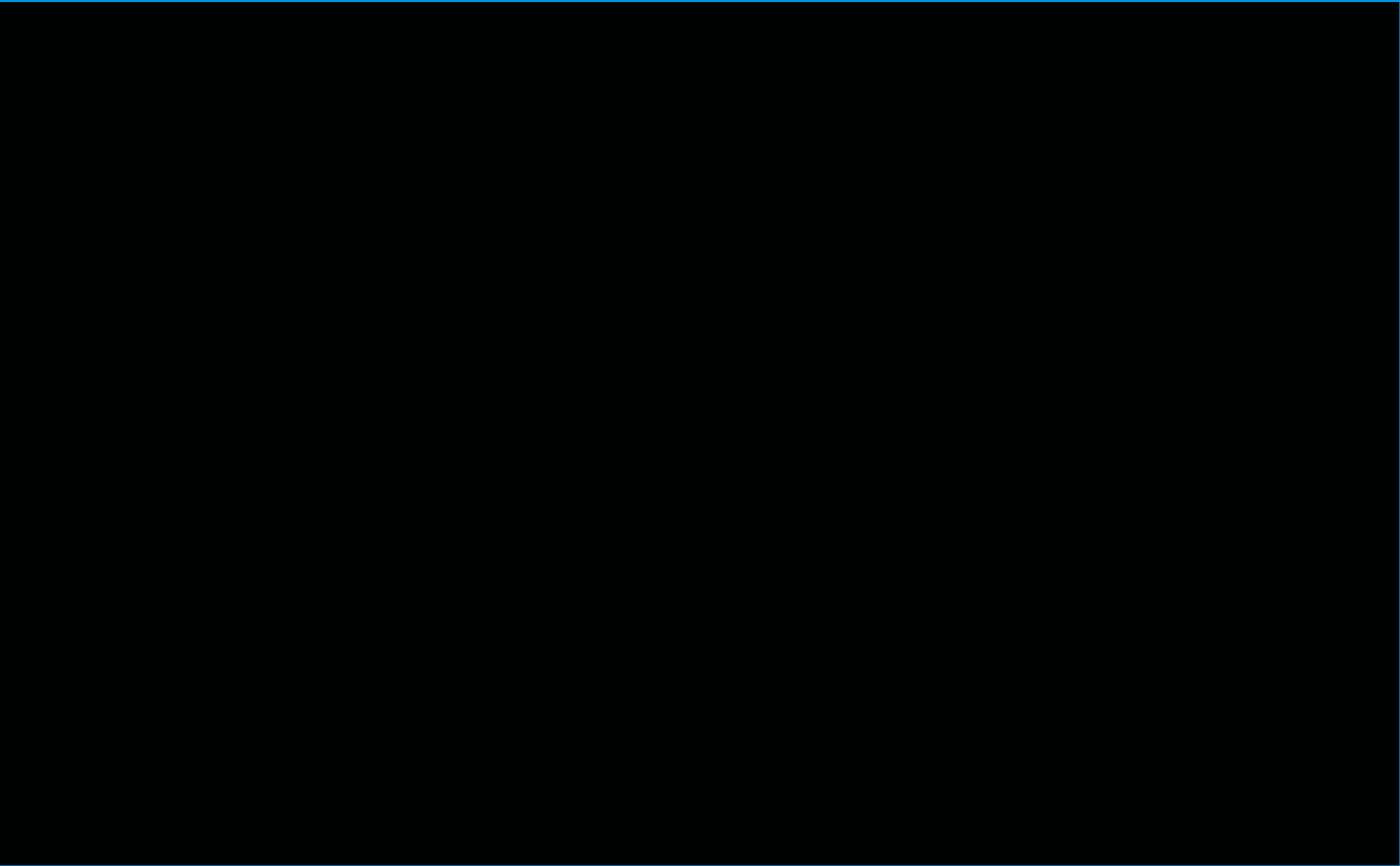
A Musa

*Não te chamo Eva,
não te dou nenhum nome
e mulher nascida...*

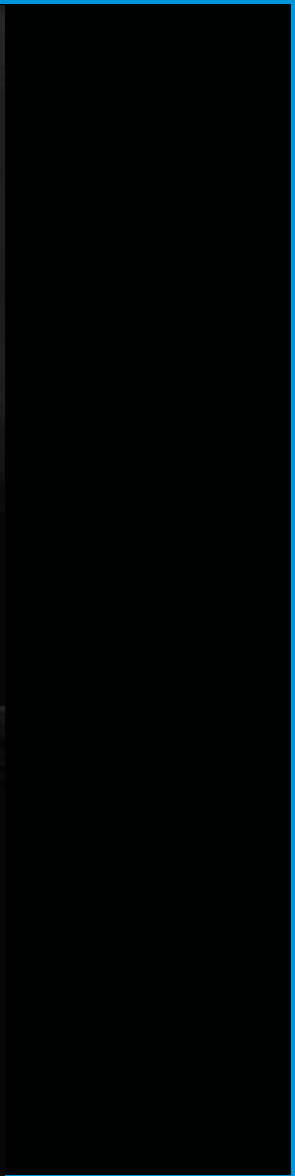
*O teu nome deve estar nos lábios
dos meninos que nasceram mudos,
nas areias movediças e silenciosas
que já foram o fundo mar.*

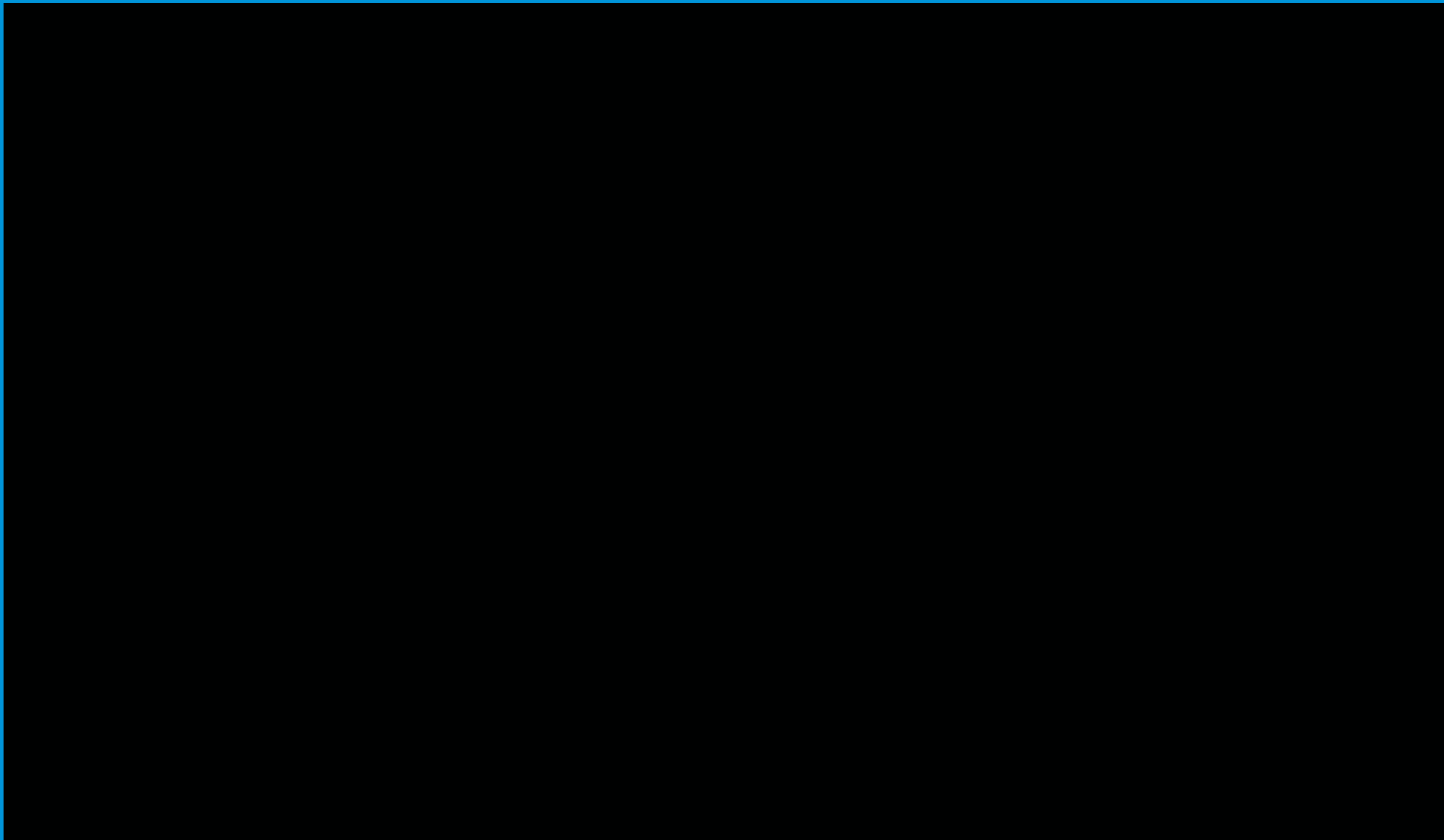
Trechos de poemas escolhidos
da obra de JORGE DE LIMA













Foram os homens que nos levaram, Audálio Dantas e eu, para a aldeia de Livramento no Estado da Parahyba em julho de 1968. Catadores de caranguejos saíam cedo na primeira luz, levando suas canoas pelas águas grossas do estuário até chegar ao mangue – moradia, esconderijo e cemitério marinho do caranguejo – emaranhado de estranhas populações de cabeças carapaças, unhas gordas e obscenas, desempenhando precipitados lances na diagonal. Arrancadas pelos homens da lama, lutam no espaço, mangue pingando mangue apoiados no ar.

Os homens sem luvas, pés amarrados com couro de boi contra as lascas de conchas afundadas no chão, dispersam-se pelos corredores do mangue, apoiados a raízes suspensas arqueadas em ogivais, nave inchada e úmida de uma louca catedral. Fumaça de brasa acesa sai das canecas que os homens levam para protegê-los dos piuns que, volatilizados em nuvem, comem a pele, ferem o corpo e perturbam o olhar.

O sol aparece suavemente, retido às folhas da vegetação. O cheiro do fumo, o cachimbo, a cabaça d'água, o chapéu de palha, nos devolvem ao mundo. Os espíritos se afastam. O homem descansa.

Horas passam e as sombras entram pelos corredores do mangue.

O mangue inteiro gargareja. A umidade e o suor correm pelos corpos soltando-se num único vapor.

Os caranguejos, amarrados a varas por fios de cipó, testemunham o trabalho feito. Os homens, colocando suas varas atravessadas nos ombros, ensaiam o regresso como marinheiros em terra firme, recobram o equilíbrio após longo tempo no mar.

No entanto são as mulheres os fundamentos de nossa história. Entrando em cena o sol caído, contornam o rio perto do arraial. Cestas balanceadas na cabeça, ondulam o corpo e pisam, seguras no passo – garças que passam gritando alto, periquitos em bando grasnando no ar! Corri atrás delas mal conseguindo seguir o seu ruidoso rasto, cambaleando como um corpo sem alma, afundada até a cintura na lama, para enfim chegar ao templo do seu estar.

Meninas, mulheres e velhas, com seus vestuários de algodão ou de chita, deselegantes e escorridos, subitamente transformadas em divindades pela lama – faces polidas de pedra, revestidas com as pregas movediças do mar.

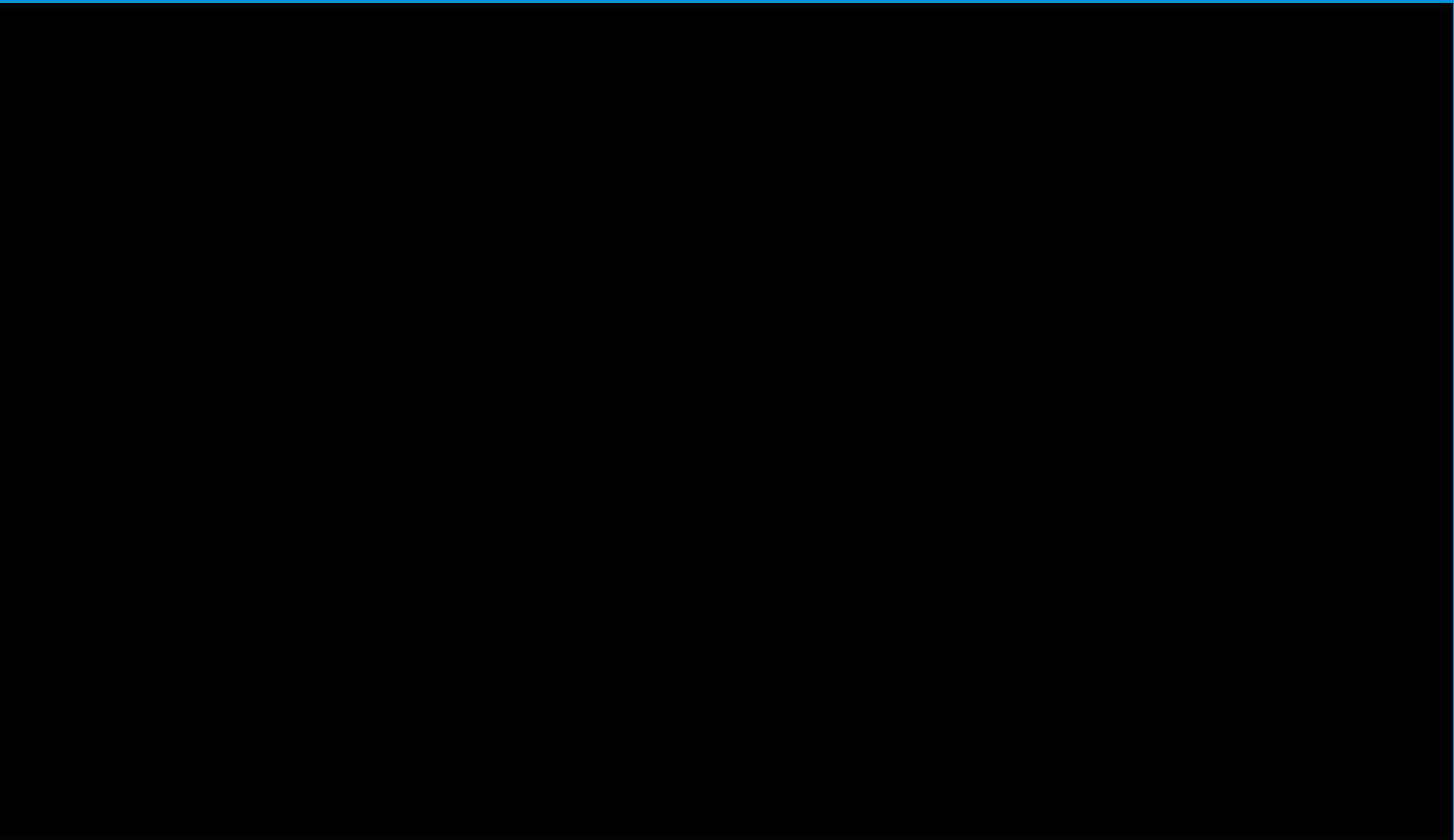
A menina de riso aberto, a beligerância da idade no olhar, e a mulher de sorriso pálido, permanecem imunes ao esforço embrutecida da velha que, intocada e ausente a seu destino, arrasta seu corpo gasto pelo chão.

/ MB

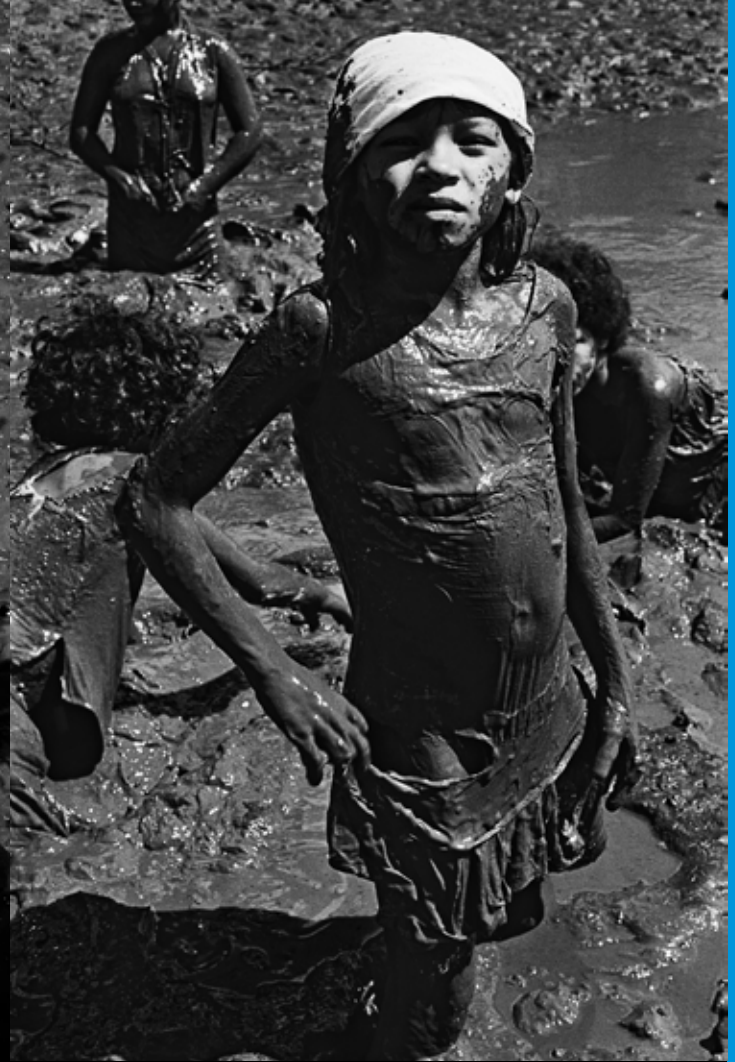


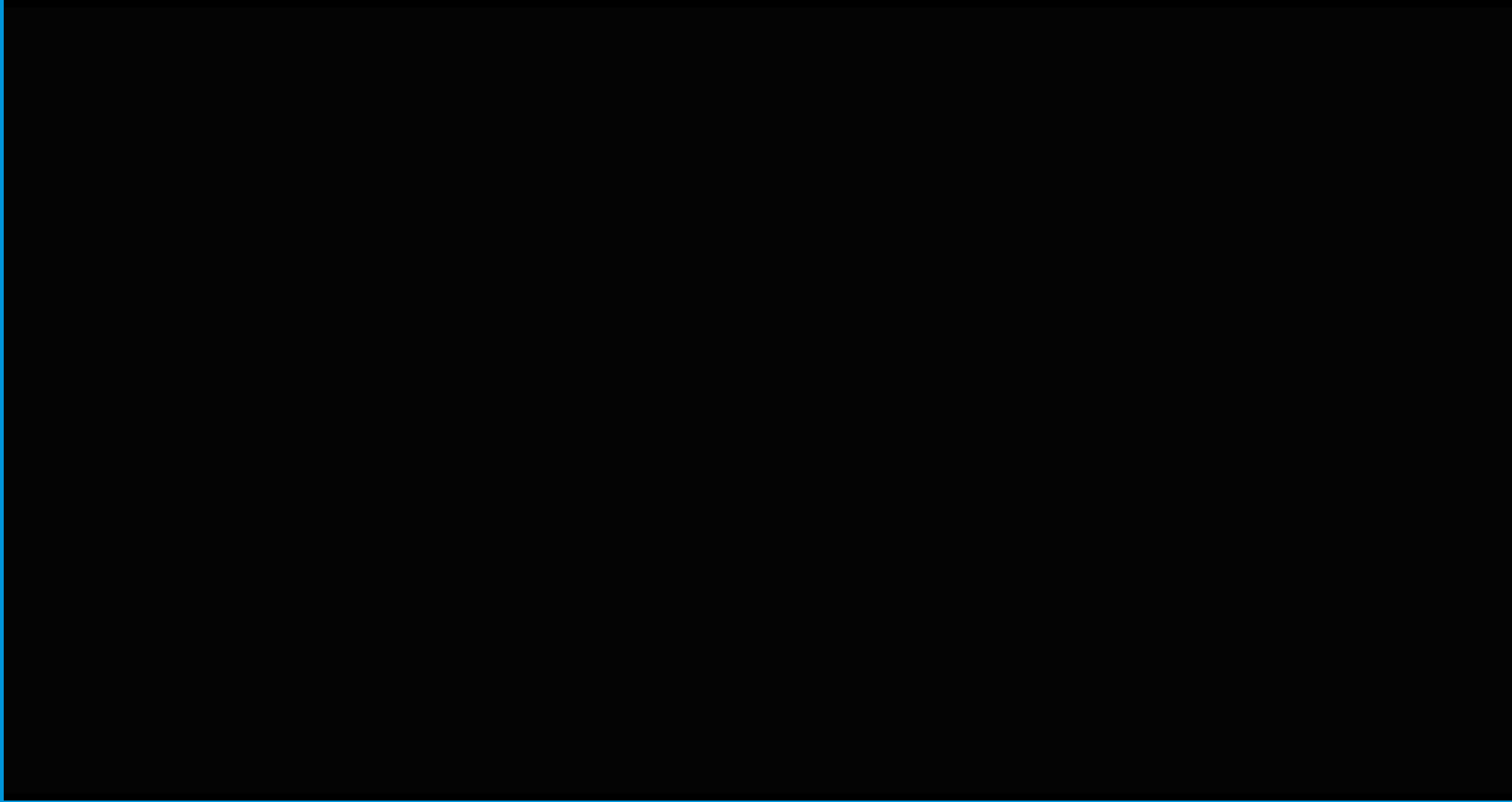














CHORINHO DOCE

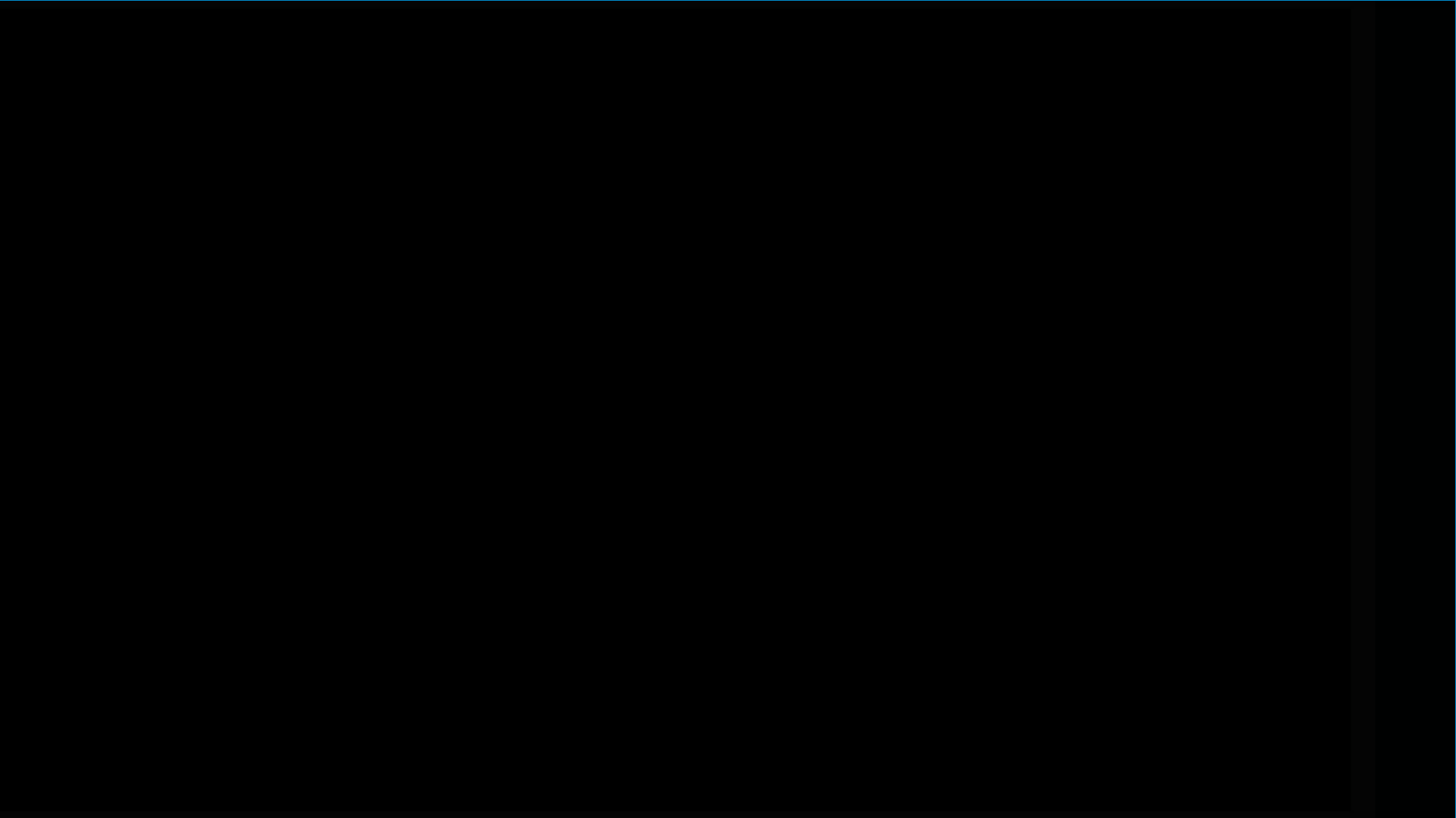
*No mesmo prato o menino, o cachorro e o gato.
Come a infância do mundo.*

*Eu já tive e perdi
uma casa,
um jardim,
uma soleira,
uma porta,
um caixão de janelo com um perfil...*

*Tudo impossível,
Tudo de outro dono,
tudo de tempo e vento.
Então me dá choro, horas e horas,
o coração amolecido como um figo na calda.*

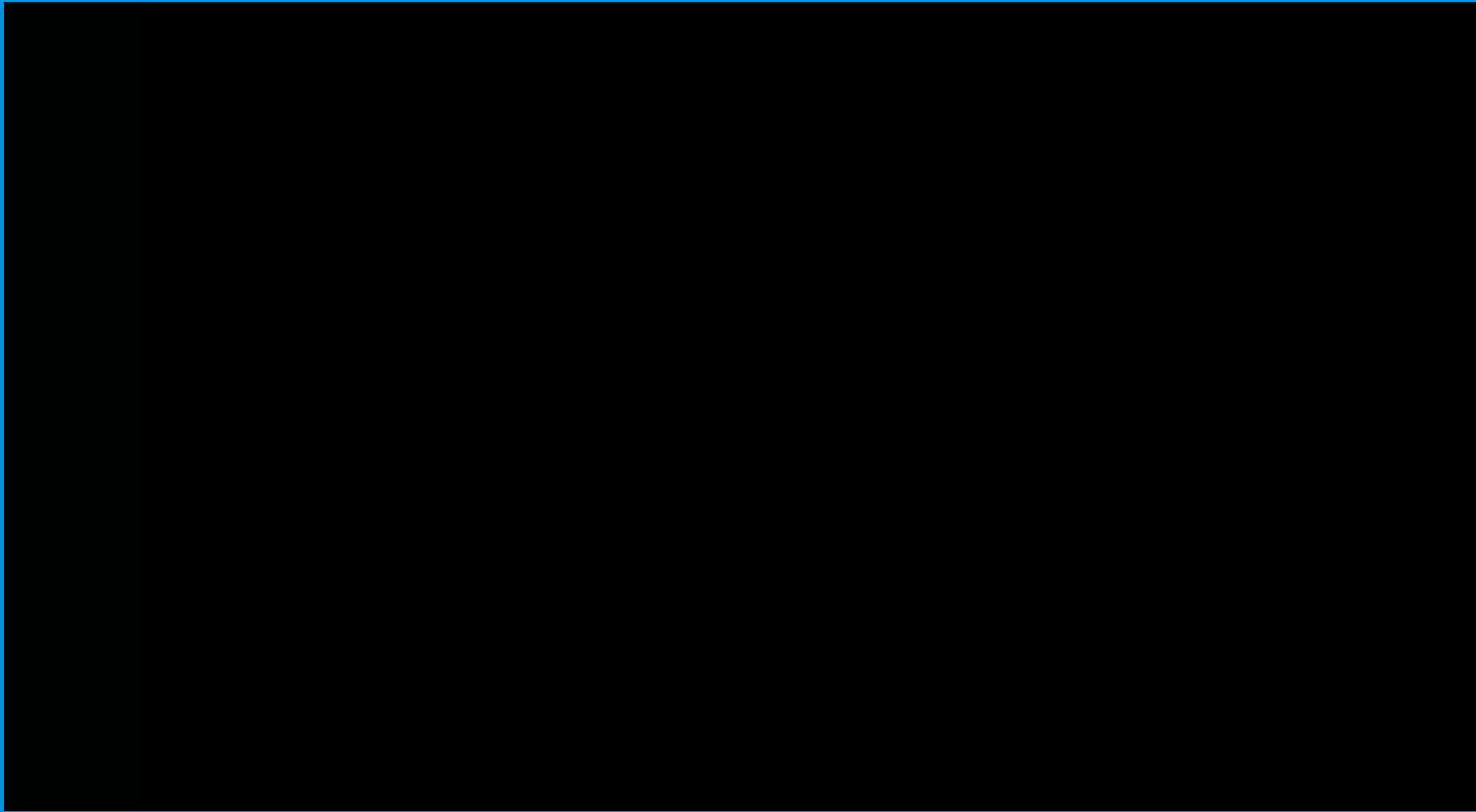
ADÉLIA PRADO













*O homem dos sertões – pelo que esboçamos – mais do qualquer
outro está em função imediata da terra.*

*Reflete, nestas aparências que se contrabatem,
a própria natureza que o rodeia...
Viver é adaptar-se.*

*É constante como ela.
É natural que o seja...
Ela o talhou à sua imagem:
bárbaro, impetuoso, abrupto.*

OS SERTÕES
Euclides da Cunha

SERTÕES LUZ & TREVAS

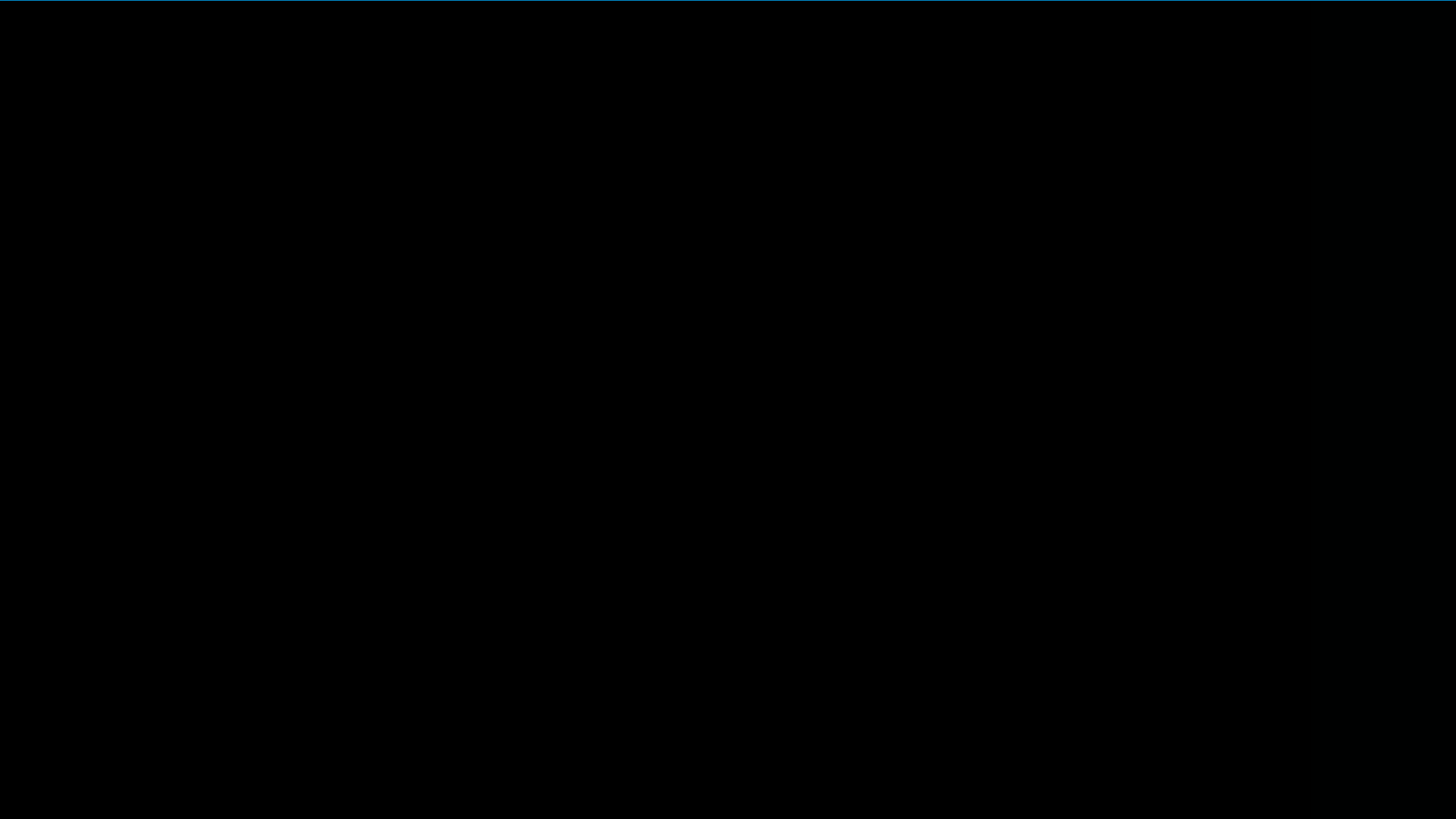
Estas imagens foram tiradas dos ermos, aldeias e lugares santas do Nordeste brasileiro – Juazeiro do Norte, Canindé, Bom Jesus da Lapa – de 1967 a 1972, e sequenciadas sob forma de livro no ano 1982. Vistas isoladamente, emudecem; dispostas em cadência de luz e sombra, retomam a vida, desvendando pelo olhar o coração. Ousei, a este sequenciamento da realidade ilustrada, aliar a palavra de Euclides da Cunha, testemunha mor do povo brasileiro, homem sóbrio e severo, arrebatado pelos desenfreios da paixão. Fiz uso d’Os Sertões, primeiro e segundo livros: “A terra” e “O homem.” Os trechos escolhidos – poema épico – estabelecem as estruturas de um mundo ambivalente real e mítico, onde homem e natureza se confundem num único ímpeto gerador.

Nos oitenta anos que separam as populações sertanejas, aqui retratadas, do aparecimento d’Os Sertões, poucas mudanças ocorreram em favor dos habitantes dessas regiões. Resistindo à esmagadura da vida qual cactos em terra seca, como o sertão na primeira chuva florescem, entregando-se à trajetória de uma vida fugaz, estrelas cadentes, de nascer, amar e morrer.

Serão, um dia, donos de seus próprios destinos, sem perderem o legado da tradição, sem deixarem de se incorporar à correnteza do devenir. A este povo devo uma vivência inestimável.

/ MB







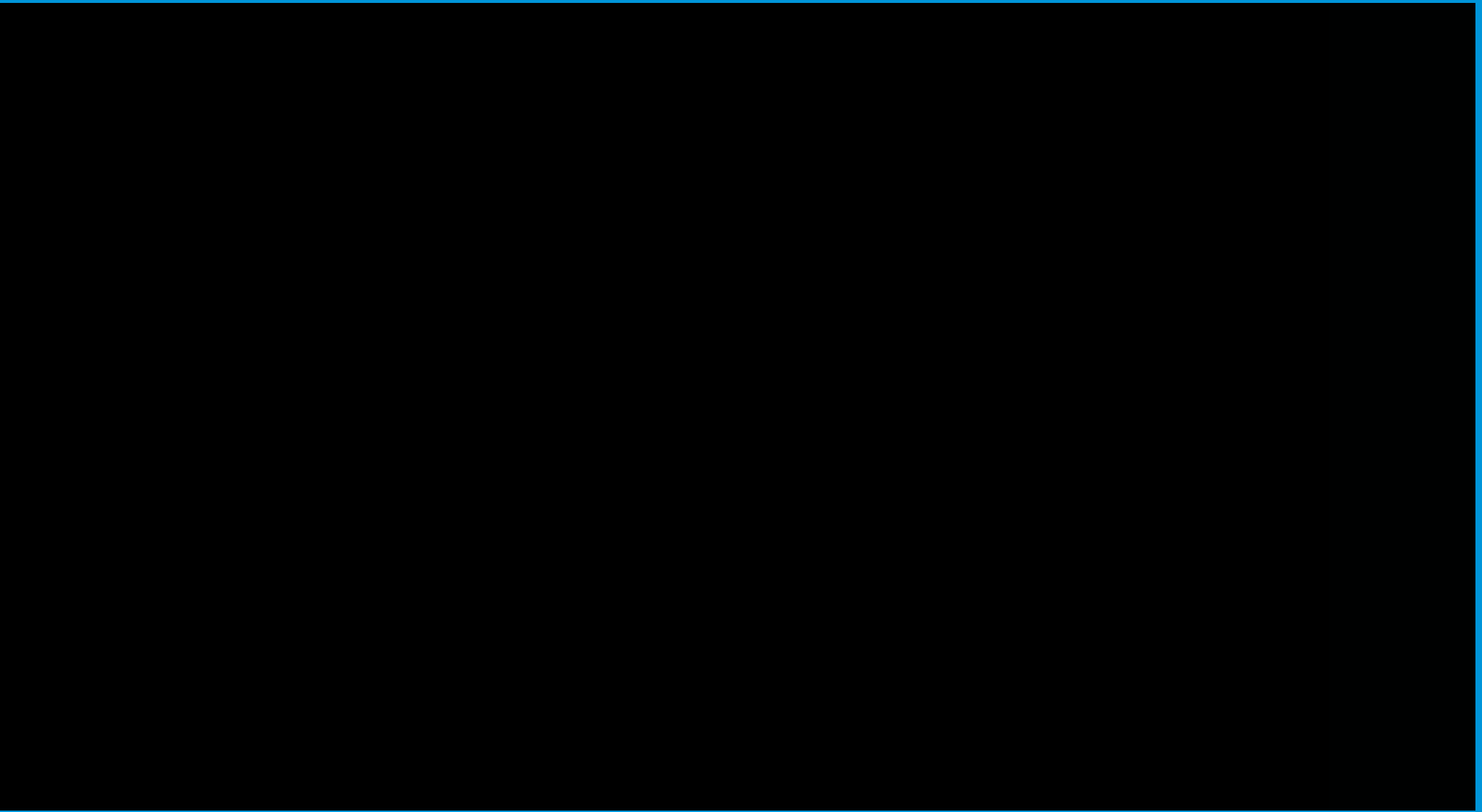


O CORTEJO LUMINOSO

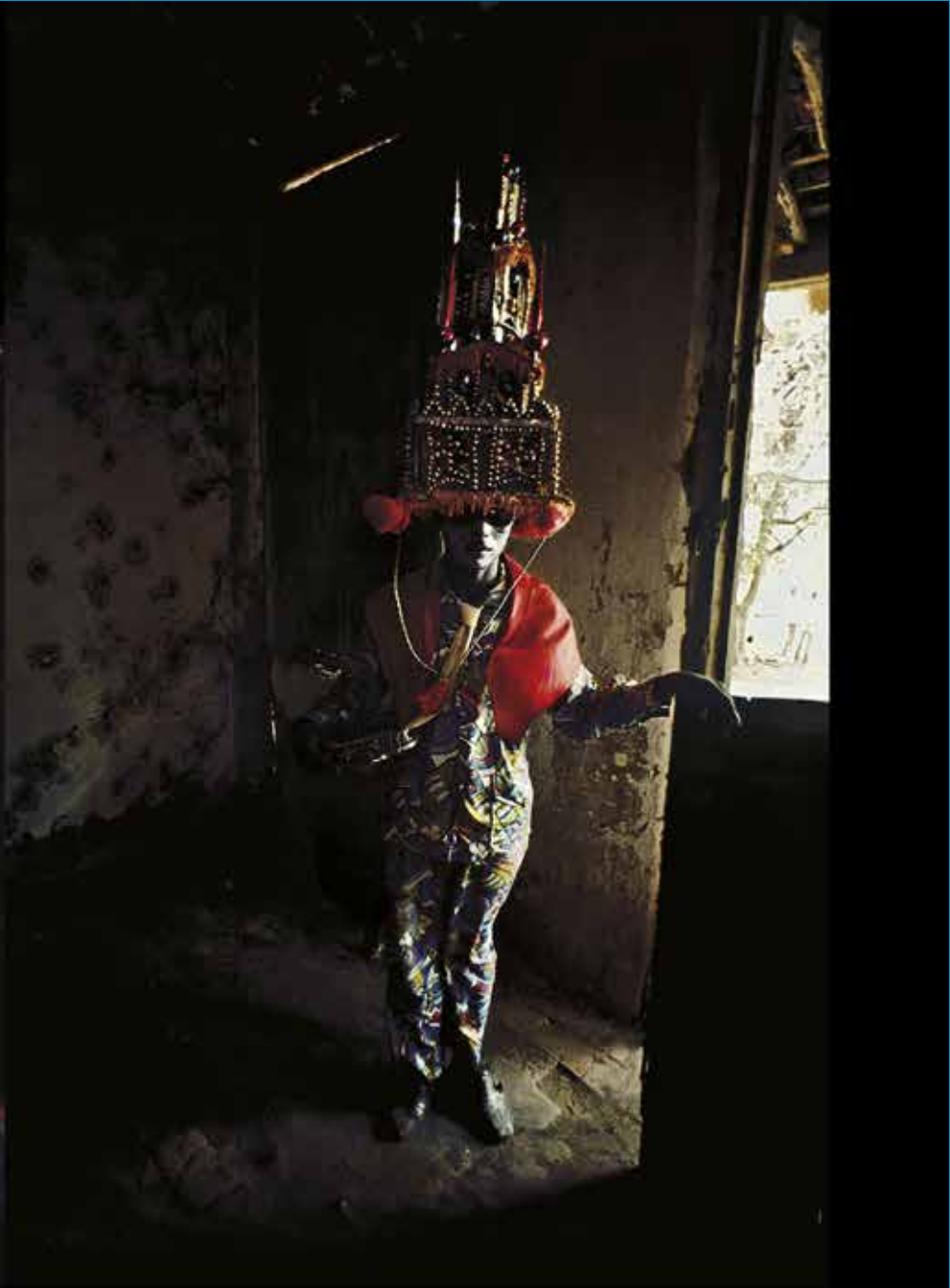
*...nos meus momentos mais ensolarados de devaneio,
o próprio Mundo me aparece como uma larga
estrada sertaneja, um Tabuleiro seco e empoeirado,
onde, por entre pedras, cactos e espinhos, desfila
o cortejo luminoso e obscuro dos humanos – Reis,
valetes, Rainhas, cavalos, torres, Coringas, Damas,
peninchas, Bispos e Peões.*

ARIANO SUASSUNA

















Fotografadas nos anos sessenta, ampliadas e "tintadas" na mesma época, as ECOLINES voltam a vida com o ressurgimento do vírus, buscando uma razão de ser: sua orquestração, ritmos, silêncios, acordes, vazios. Guardam-se os riscos, resíduos, marcas digitais. A fotografia experimental precisa ser usada com cuidado, com parcimônia.

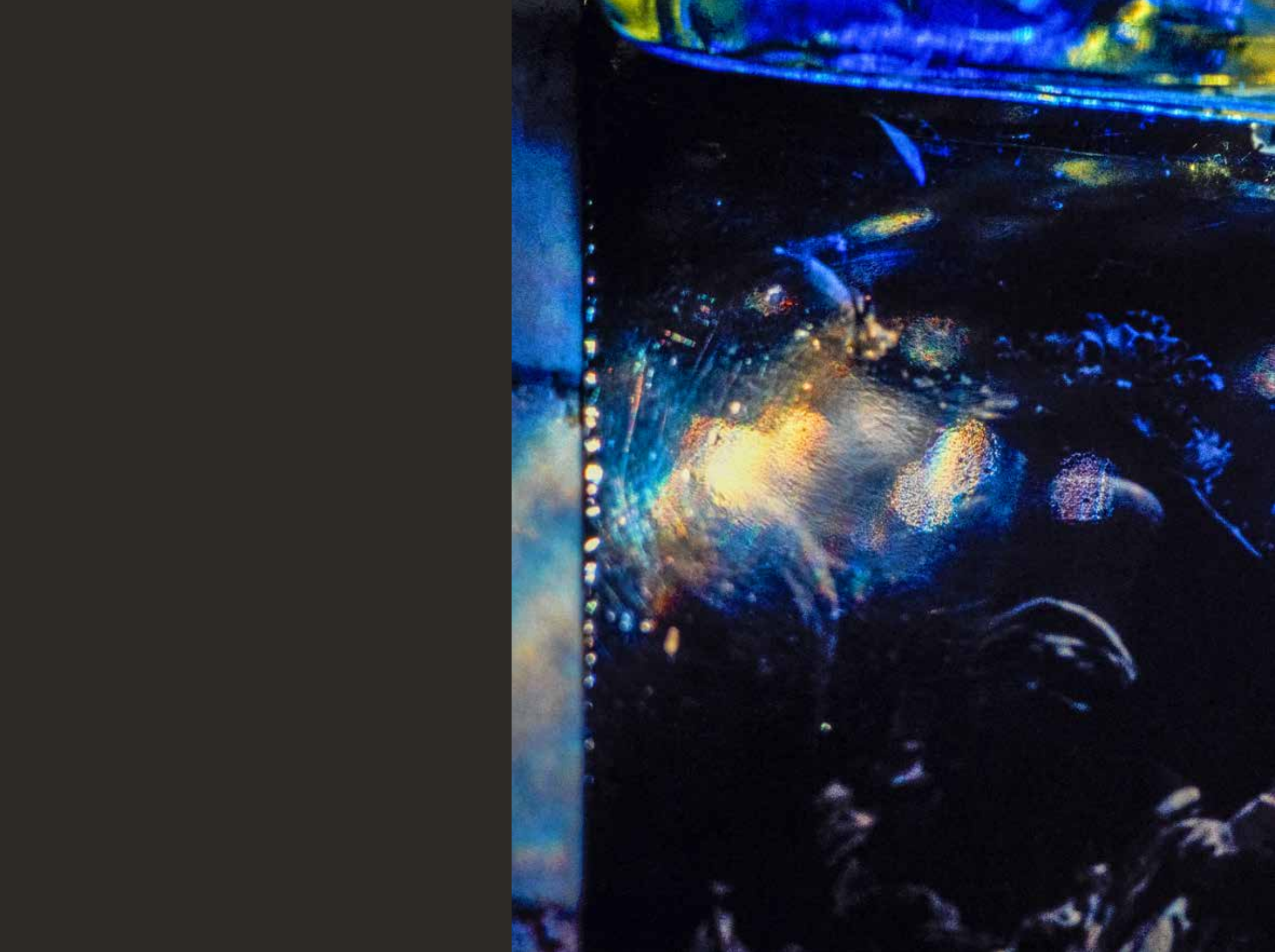
/ MB

























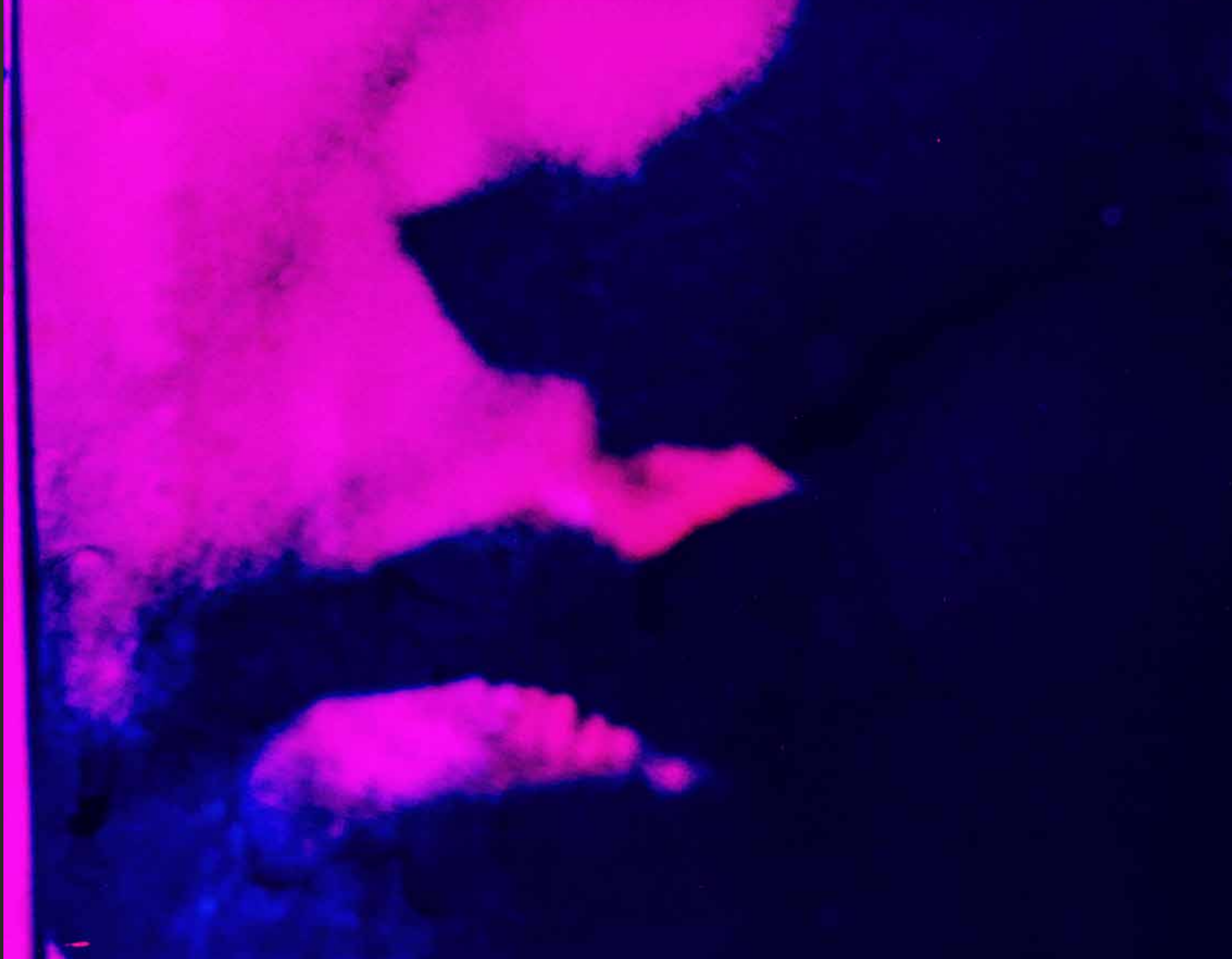


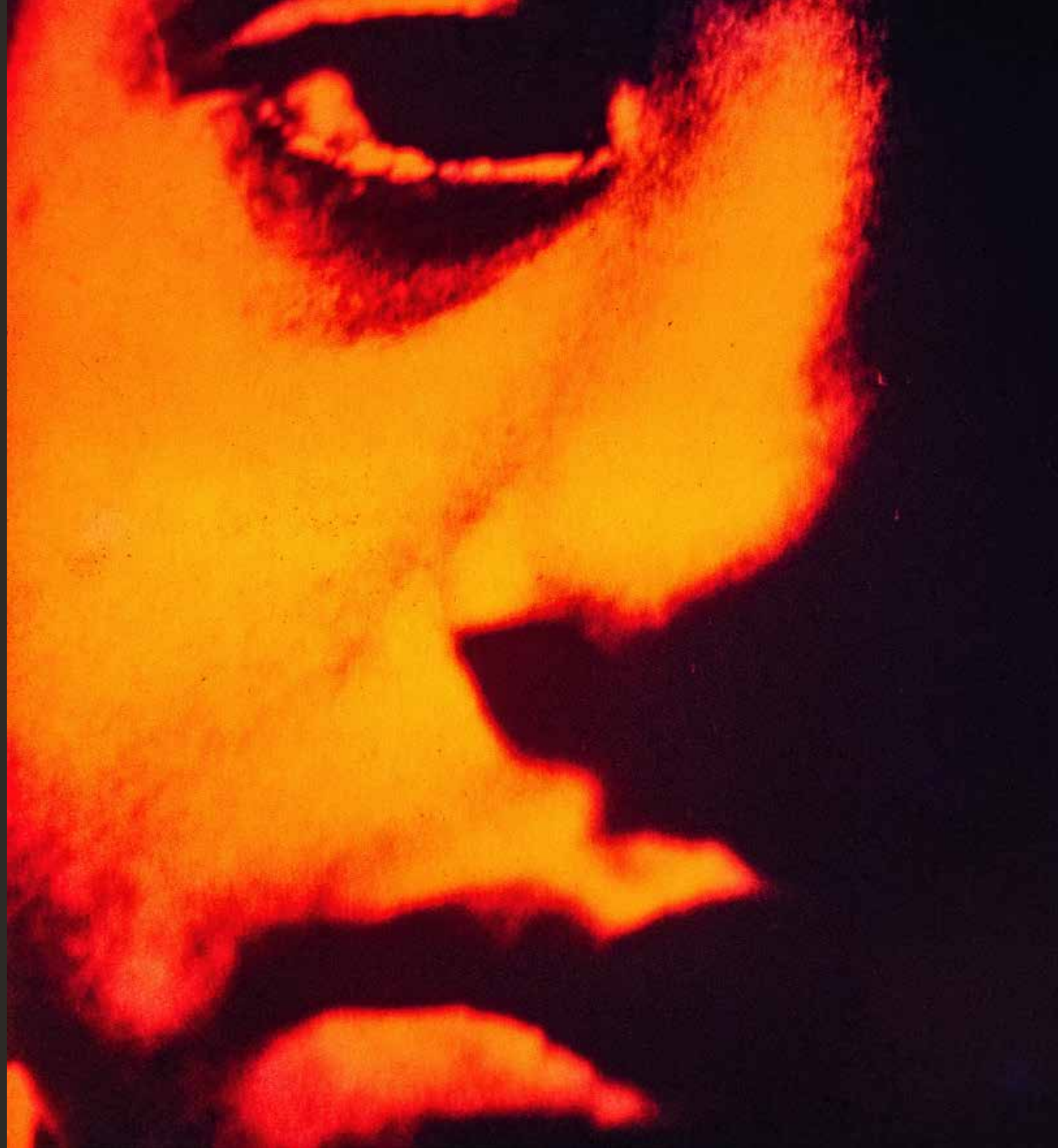






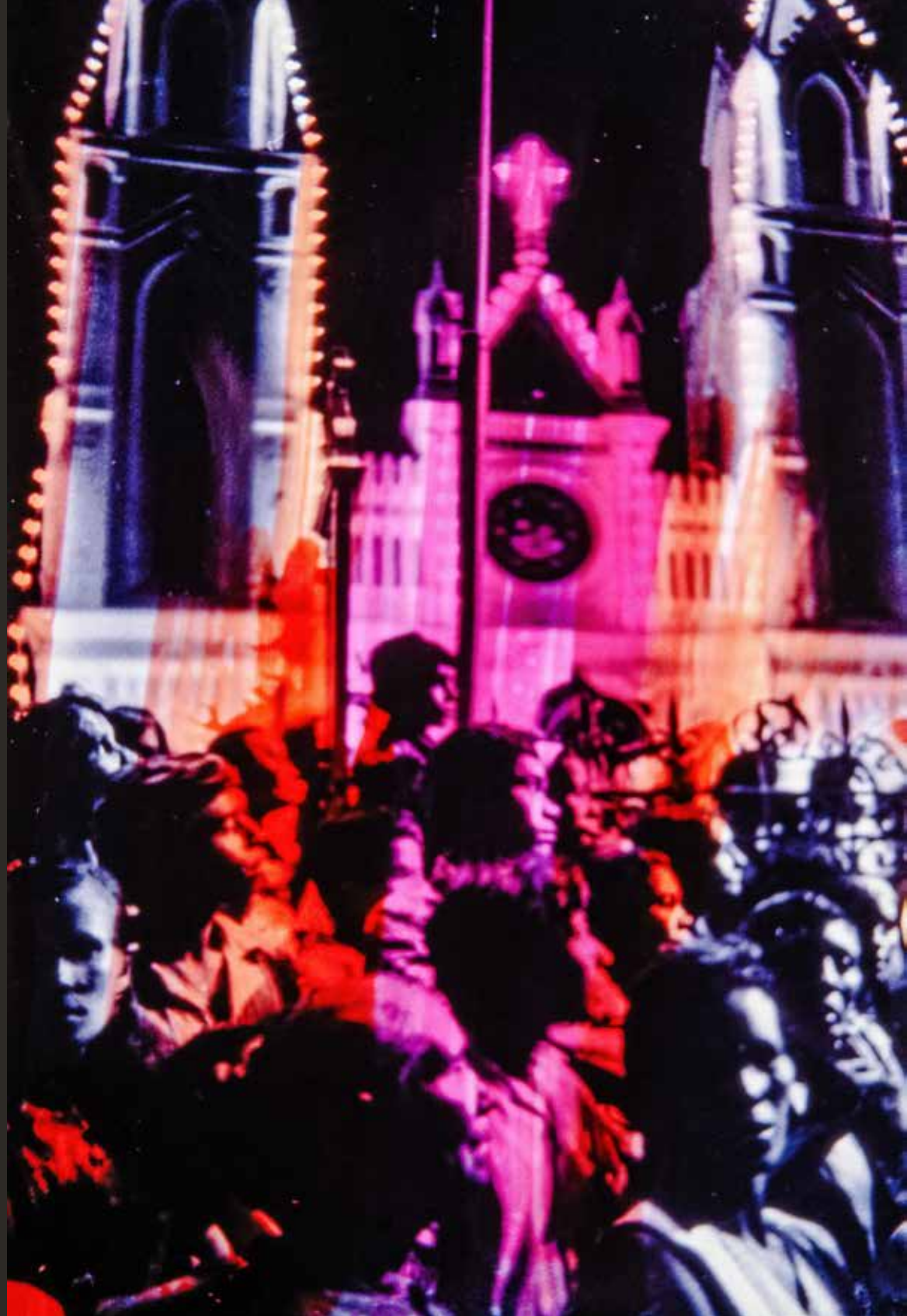
















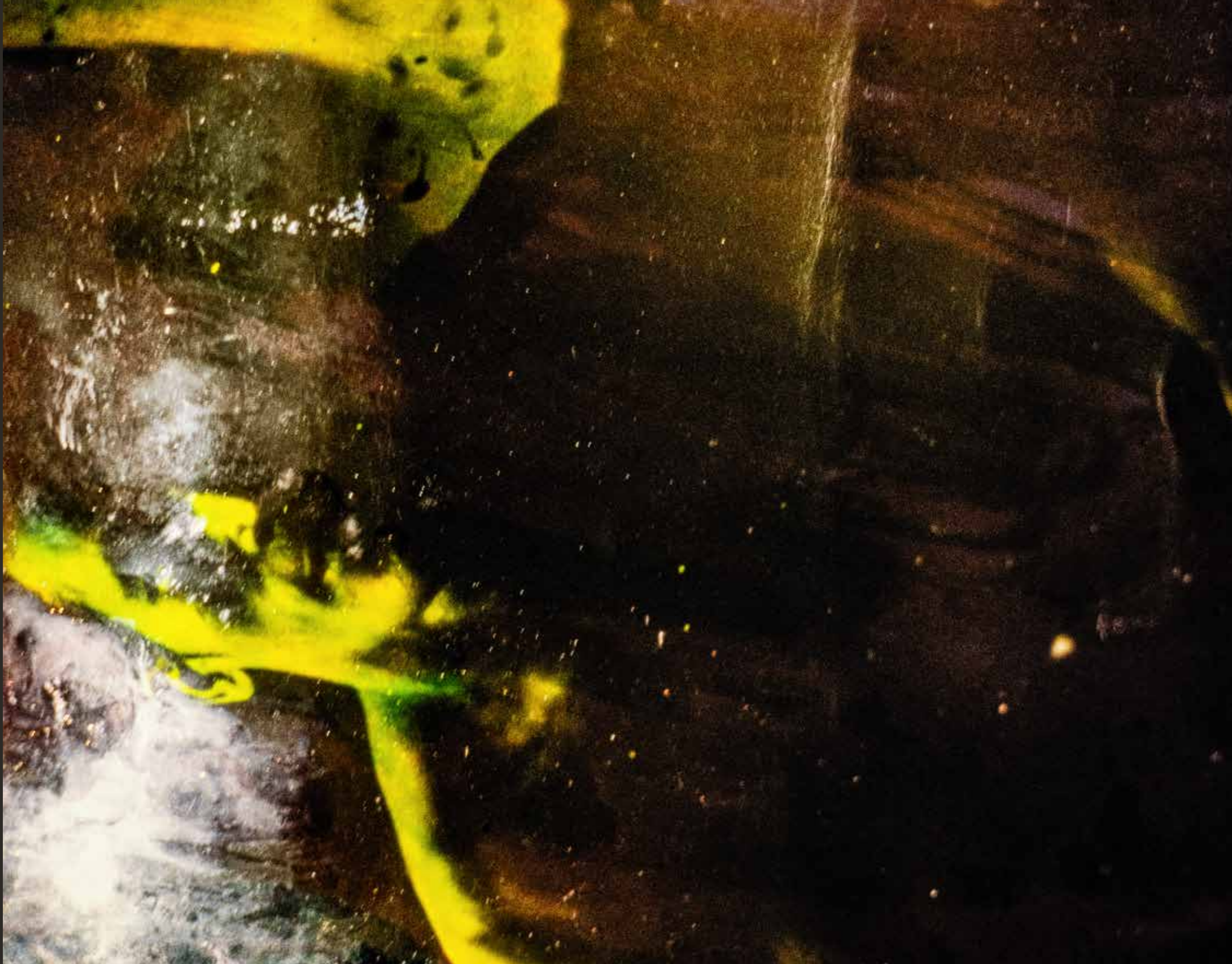




VIAGEM

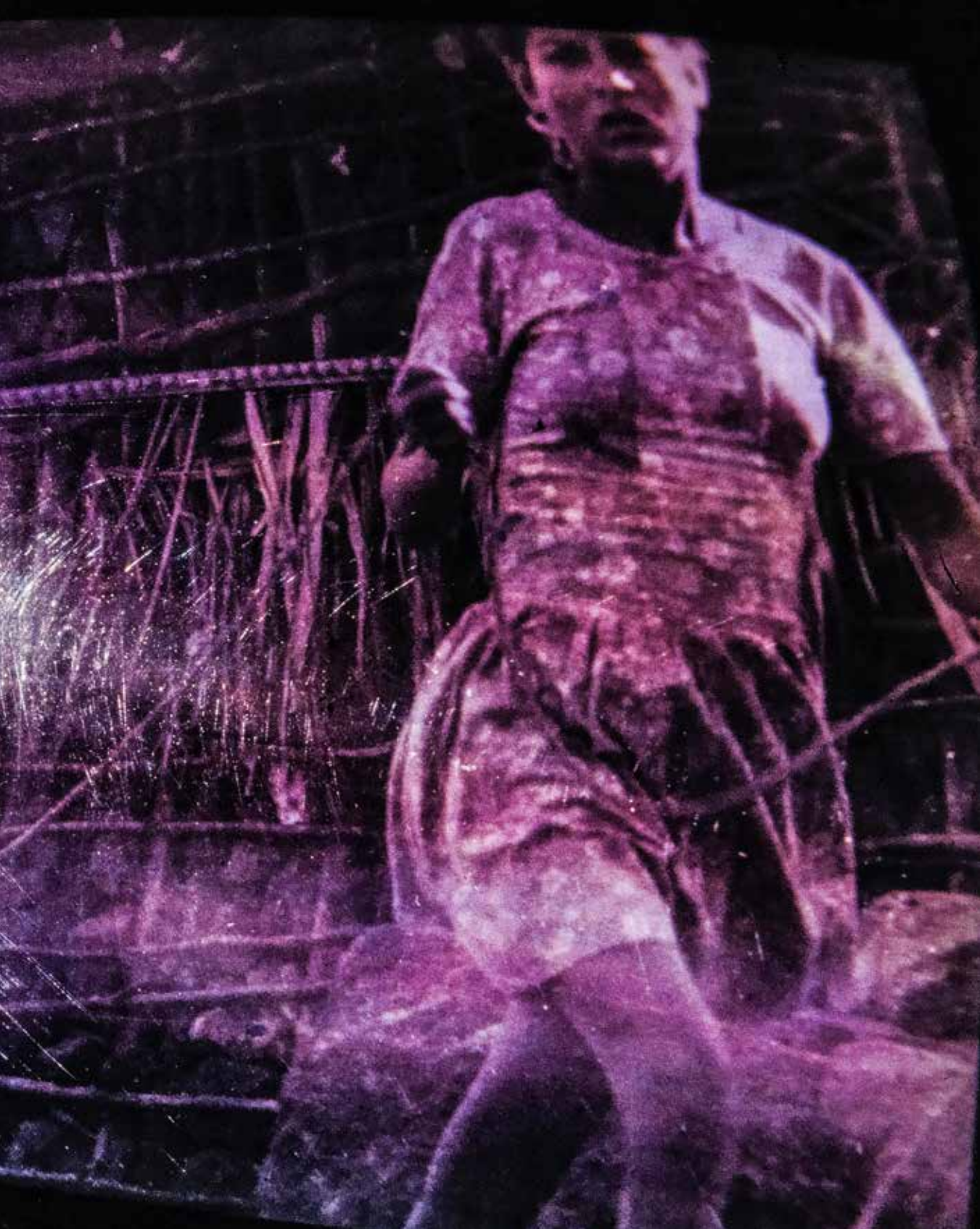
...outros mundos...outros mares...fotografados na bruma
trepidante do sol e sob a cintilação do mar, estendendo-se
dos últimos limites do passado até o devenir do presente –
sussurro da memória...agarrando-se ao vento com as unhas...
/ MB























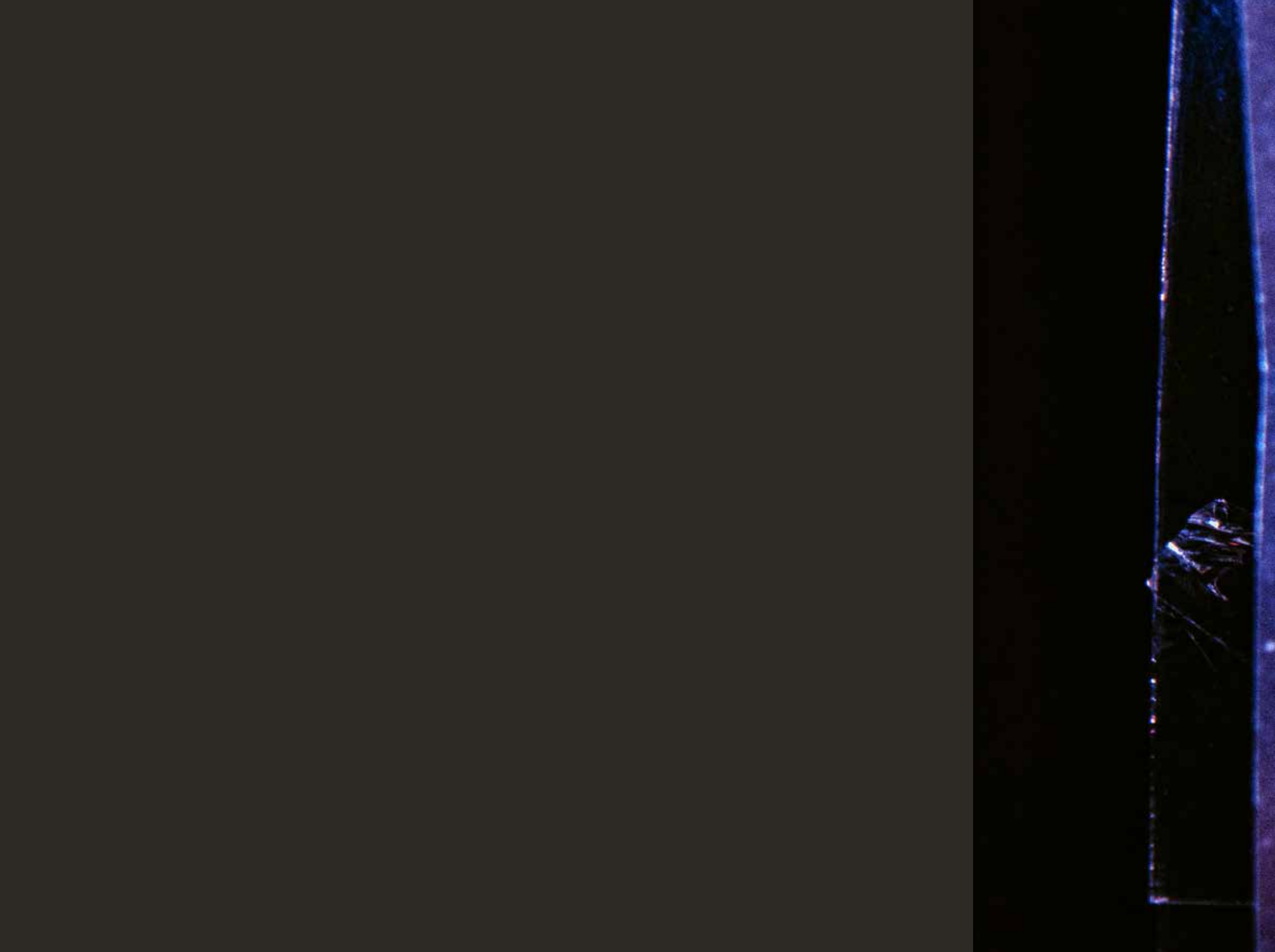
Nessa artesanaria, imbricam-se múltiplas temporalidades: o tempo do acontecer; o instante da foto; a reinvenção da imagem revelada; a memória do fato; os tempos imaginados pelo processo 'editorial'; o cotidiano; o originário; o sem fim.
/ MB



















Eu acho que o Brasil é isso...é uma pena que, de certa forma, as pessoas estão desconhecendo tudo isso, né? É preciso estar sempre lembrando dessa memória...que as pessoas mais jovens guardem essa memória, e a fotografia tem essa extraordinária ação. É nossa Missão, eu mantendo lá no museu, vovê também na fotografia. Nós somos assim, guardiões dessa memória. É isso que a gente quer ser!

Palavras de EMANOEL ARAÚJO



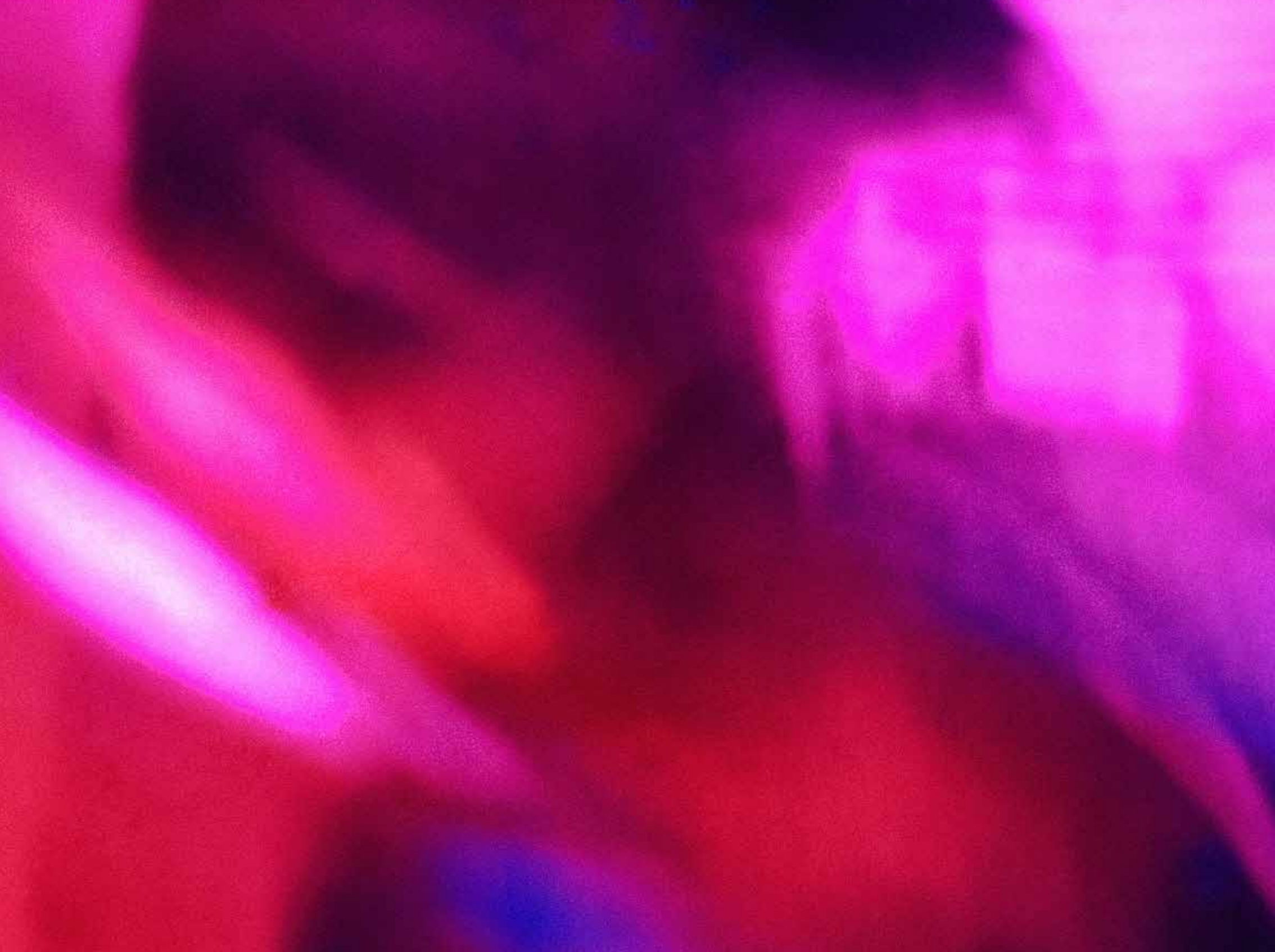


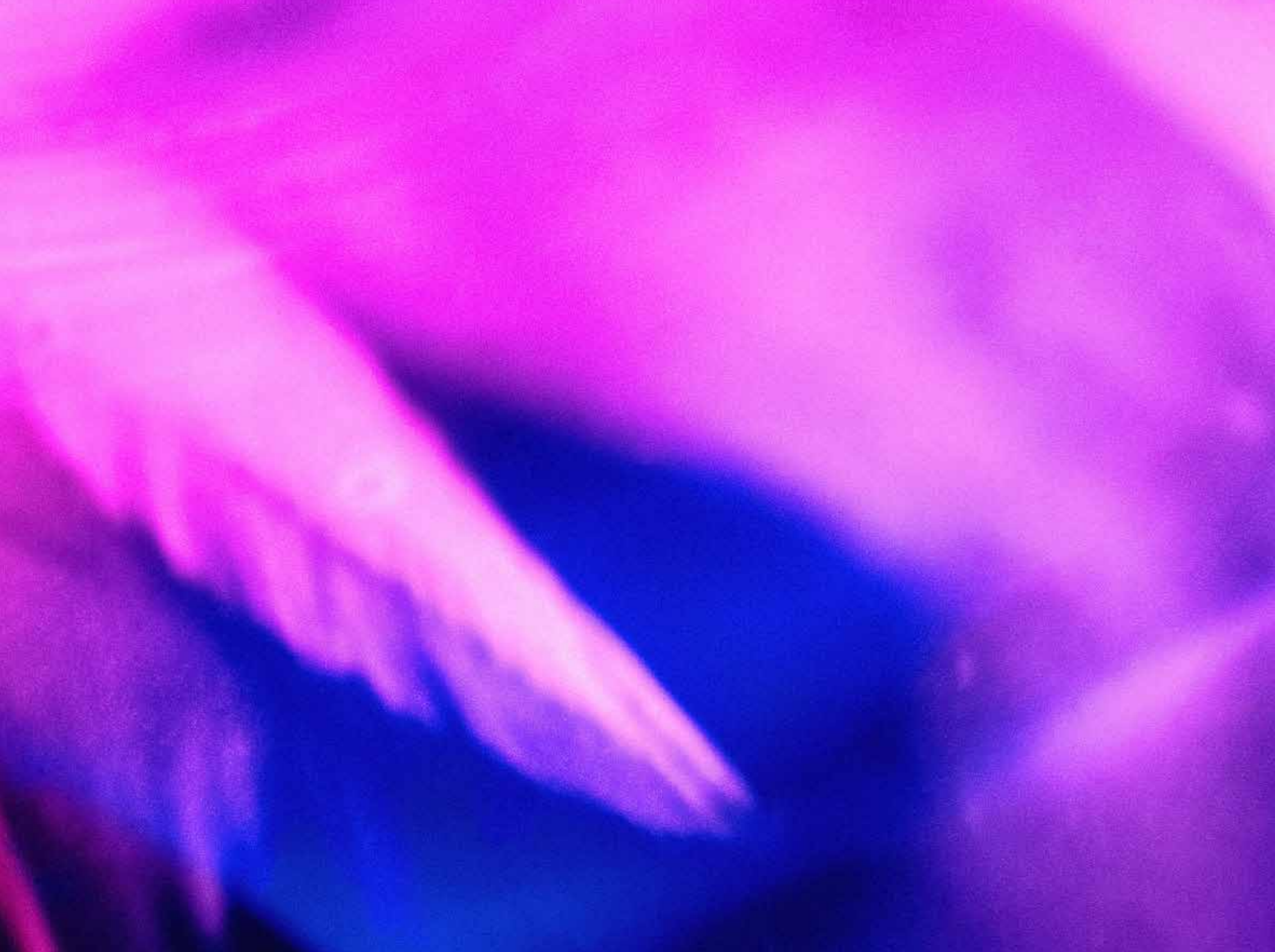




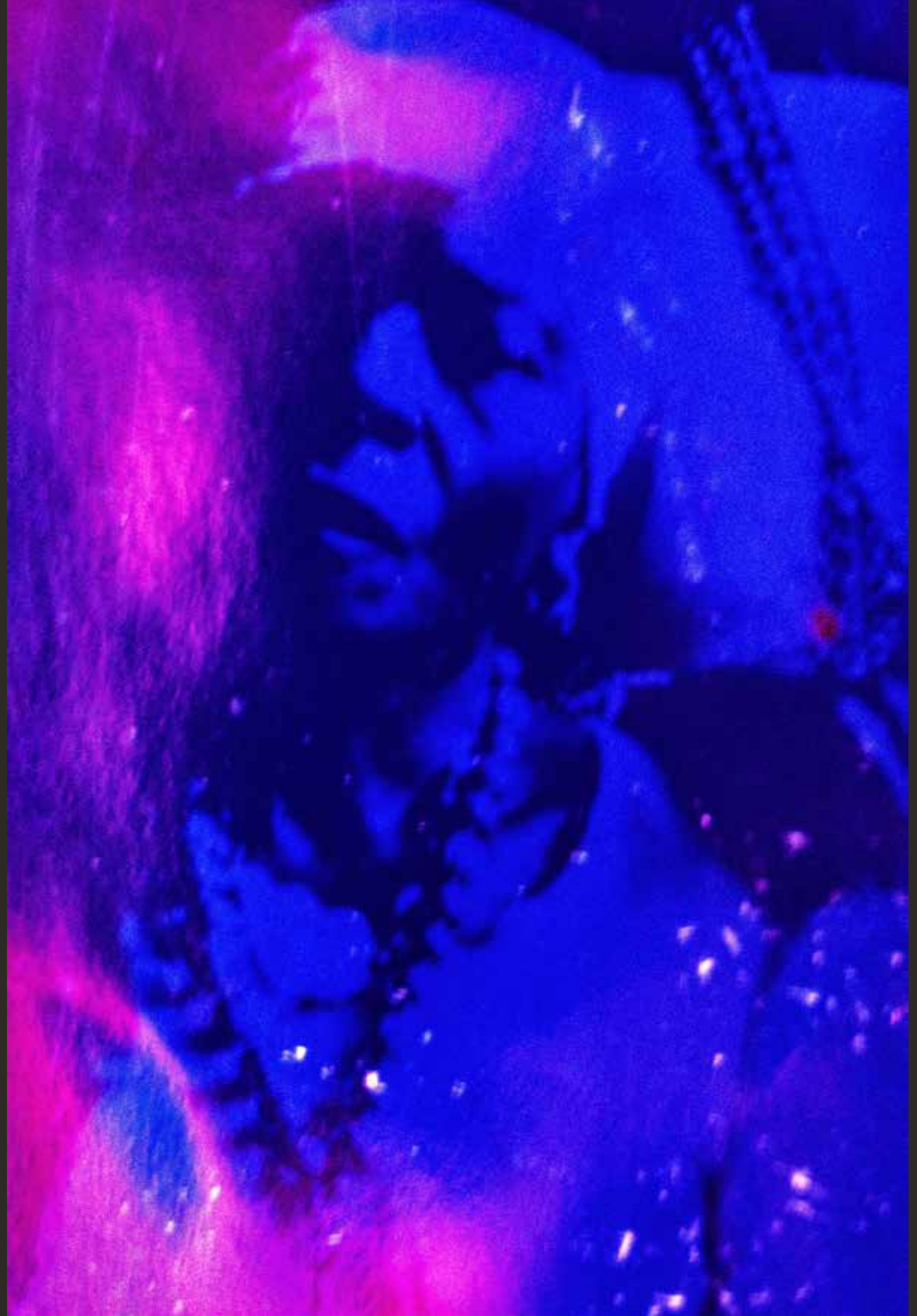




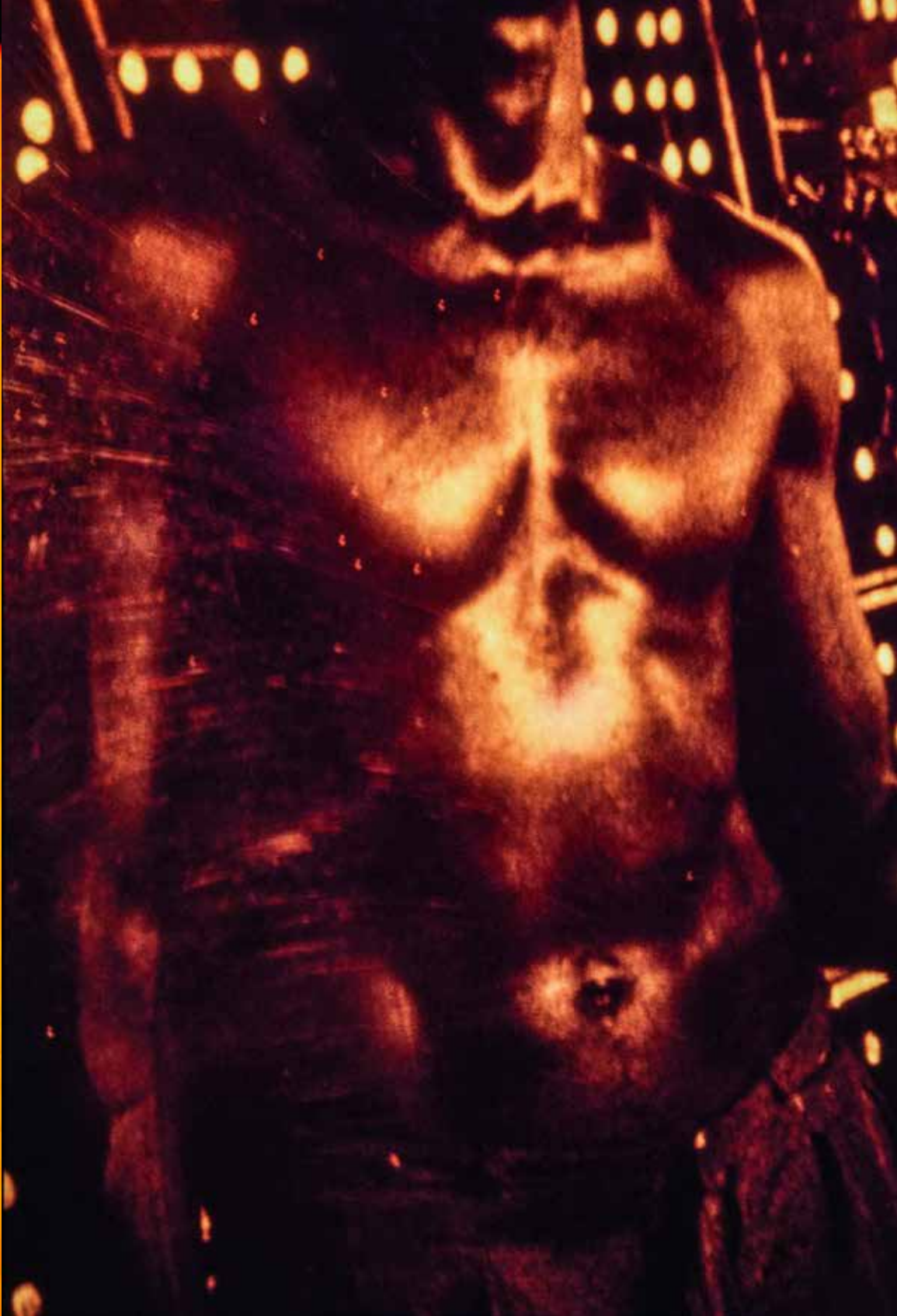
























PERSPECTIVES

In the PERSPECTIVES that make up this essay, inspired by the poetic vein of great national writers*, I looked for equivalences between the written world and the seen world – a link between past and present – where the distilled emotion of the word is present in the gestures of the population.

I envisioned the races, not the pathos, but the hoarse voice of the people, the precise look and deep steps of their dances in the endless streets. Intuiting the ephemeral, I traced, in the years of wandering, some instants, and not always the most penetrating ones, of the round popular diversity.

It is a fearful responsibility to dwell on the traditions of a people. For the mistakes and successes, for what I saw and didn't understand, I ask for understanding.

/ MAUREEN BISILLIAT

* João Guimarães Rosa / Jorge Amado
/ João Cabral De Melo Neto / Jorge De Lima / Adélia Prado / Euclides Da Cunha
/ Ariano Suassuna / Mário De Andrade

*I am where I was born.
I am from other places.*

*One can only live close to another,
and meet someone else,
without the danger of hatred,
if we have love.*

*Any love
is already a little bit of health,
a rest in the madness.*

*There are times when I think that maybe
we needed to wake up from some kind of
enchantment... When we sleep, everything
turns: it turns into stone, turns into a flower.*

*Look:
far beyond,
I saw places of scorched earth,
and ground that gives sound - a stranger.
Weird world!*

THE DEVIL TO PAY IN THE BACKLANDS
(GRANDE SERTÃO VEREDAS)
by João Guimarães Rosa

With her book, Maureen Bisilliat teaches us about Bahia, its grandeur. With her we travel the paths, the avenues, the streets... we go up and down the slopes, penetrate the alleys, discover shortcuts. The city's geography opens up for us. But what is fundamentally focused on by the photographer's art is the present and active people, the people on the streets experiencing their joys and sorrows, overcoming obstacles, singing, dancing, in the creation of everyday life. The book is a love song.

JORGE AMADO

*The square belongs to the people as the sky
belongs to the condor.*

*The square belongs to the people, it is their
friend. It is their battlefield, where they protest
and fight.... The crowd stirs in the square like
the stormy sea that destroys ships and invades
the pier.*

*The Tent of Miracles became the heart, the
vital center of that whole part of the city, where
it processes - potent and intense - the popular life.*

*That's a miracle, my love – Rosa there
dancing, the white, flowing skirt, the seven
petticoats, the arms and shoulders bare under
the lace gown, the necklaces, the beads, the
bracelets, the wild laugh.*

Outside, the stalls have names like verses.

*The ocean is very big, the sea is an endless
road, the waters are much more than half of
the world, they are three quarters and all of
this belongs to Iemanjá.*

*The hallelujah broke over the sea of Itapoã, the
breeze came through the woes of love and, in
the silence of fish and mermaids, the strangled
voice of Flor in hallelujah; at sea and on land
hallelujah, in heaven and hell hallelujah!*

Phrases selected from the books:

Abc de Castro Alves (*Abc of Castro Alves*)
Tenda dos Milagres (*Tent of Miracles*)
Dona Flor e Seus Dois Maridos (*Dona Flor
and Her Two Husbands*)
Bahia de Todos os Santos (*Bahia of All
Saints*)

BAHIA AMADA AMADO

My involvement with Bahia began in the late 1950s, at the time of Professor Edgar Santos, the late rector of the University of Bahia, a moment of intense exchange between Bahian energy and artists from other parts of Brazil and the world, linked to theater, cinema, dance and the visual arts. When I arrived in Salvador I felt the city buzzing with activity. It was a special moment, and although I wasn't directly a part of it, I was energized by the energy of the moment.

Add this to the splendor of Salvador with its coastline of beaten earth, sea, jacks and fishermen. It seemed to be as it always had been – at least in my imagination – the Bahia of Jorge Amado, a world open to the freedom and loquaciousness of its inhabitants: sailors,

fishermen, workers from the dark lands of cocoa: Gabriela, Dona Flor and that free, suffering and loose boy: Jubiabá. I found some of them in the alleys and crooked lines of fate!

/ MB

The *Black Skin* series derives from my student days, when I often used live model ateliers, paying attention to anatomy, body movement and lighting. The human body, my gateway into painting, ended up leading me to photography.

/ MB

BLACK SKIN

*The boy passes the forehead
and dreams in a quiet night
with the lights off
with the wonderful world
that he took out of nowhere...
The Muse*

*I don't call you Eve,
I don't give you any name
and woman born...*

*Your name must be on the lips
of the boys who were born mute,
in the shifting and silent sands
that were once the bottom of the sea.*

Excerpts from poems by
JORGE DE LIMA

It was the men who took us, Audálio Dantas and I, to the village of Livramento in the state of Parahyba in July 1968. Crab catchers left early at first light, taking their canoes through the thick waters of the estuary until they reached the mangrove – home, hiding place and marine cemetery for the crab – tangled with strange populations of carapace heads, fat and obscene claws, performing hasty diagonal moves. Pulled out of the mud by men, they struggle in space, mangroves dripping, mangroves leaning in the air.

The men without gloves, feet bound with oxhide against the slivers of shells sunk into the ground, disperse through the mangrove corridors, leaning on suspended roots arched in ogivals, the swollen and damp nave of a mad cathedral. Smoke from burning embers comes out of the mugs that the men carry to protect them from the mosquitoes that, volatilized in a cloud, eat the skin, hurt the body and disturb the eyes.

The sun appears softly, retained by the leaves of the vegetation. The smell of tobacco, the pipe, the water gourd, the straw hat, bring us back to the world. The spirits depart. The man rests. Hours pass and the shadows enter the mangrove corridors.

The whole mangrove gargles. Humidity and sweat run through the bodies, releasing in a single vapor.

The crabs, tied to poles by vine threads, bear witness to the work done. The men, placing their poles across their shoulders, rehearse the return trip like sailors on dry land, recovering their balance after a long time at sea.

However, women are the foundations of our history. With the fallen sun on the scene, they skirt the river near the camp. With baskets balanced on the head, they undulate the body and walk firmly – herons passing by screaming loudly, parakeets in a flock squawking in the air! I ran after them, barely managing to follow their noisy trail, staggering like a body without a soul, sunk up to my waist in mud, to finally reach the temple of

their being.

Girls, women and old women, with their clothes made of cotton or chintz, inelegant and drained, suddenly transformed into divinities by the mud – polished faces of stone, coated with the shifting folds of the sea.

The girl with an open laugh, the belligerence of age in her eyes, and the woman with a pale smile, remain immune to the brutish effort of the old woman who, untouched and absent from her destiny, drags her worn body along the ground.

/ MB

The man of the backlands – from what we have outlined – more than any other is in direct function of the land.

His contradictory appearance, accordingly, is a reflection of Nature herself... To live is to adapt one's self.

He is as inconstant as Nature. And it is natural that he should be... And she has fashioned him in her own likeness: barbarous, impetuous, abrupt.

REBELLION IN THE BACKLANDS
Euclides da Cunha

BACKLANDS LIGHT & DARKNESS

These images were taken from the wilds, villages and holy places of Northeast Brazil – Juazeiro do Norte, Canindé, Bom Jesus da Lapa – from 1967 to 1972, and sequenced into a book in 1982. Seen in isolation, they are silent; arranged in a cadence of light and shadow, they come back to life, unveiling the heart through their eyes. I dared, to this sequencing of the illustrated reality, to combine the words of Euclides da Cunha, chief witness of the Brazilian people, a sober and severe man, carried away by the unbridled passion.

I made use of Rebellion in the Backlands, first and second books: “The land” and “The man.” The chosen passages – an

epic poem – establish the structures of an ambivalent real and mythical world, where man and nature blend into a single generating impetus.

In the eighty years that separate the sertaneja populations, portrayed here, from the appearance of Rebellion in the Backlands, few changes occurred in favor of the inhabitants of these regions. Resisting the crush of life like cacti on dry land, like the backlands in the first rain they bloom, surrendering to the trajectory of a fleeting life, shooting stars, of being born, loving and dying.

They will, one day, be masters of their own destinies, without losing the legacy of tradition, without ceasing to be incorporated into the current of becoming.

To this people I owe an invaluable experience.

/ MB

THE LUMINOUS PROCESSION

...in my sunniest moments of reverie, the World itself appears to me as a wide country road, a dry and dusty Board, where, among stones, cacti and thorns, the luminous and obscure procession of humans parades – Kings, Valets, Queens, Knights, Rooks, Jokers, Queens, Peninches, Bishops and Pawns.

ARIANO SUASSUNA

ECOLINES

Photographed in the sixties, enlarged and "tinted" at the same time, the ECOLINES come back to life with the resurgence of the virus, looking for a reason to exist: its orchestration, rhythms, silences, chords, voids. Scratches, residues, digital marks are kept. Experimental photography needs to be used carefully, sparingly. / MB / MB

TRIP

...other worlds...other seas... photographed in the shivering haze of the sun and under the glitter of the sea, stretching from the last limits of the past to the becoming of the present - whisper of memory... clinging to the wind with nails...

/ MB

In this craft, multiple temporalities overlap: the time of happening; the instant of the photo; the reinvention of the revealed image; the memory of the fact; the times imagined by the 'editorial' process; the everyday; the originator; the endless.

/ MB

I think that's what Brazil is... it's a shame that, in a way, people are not aware of all this, right? It is necessary that we always remember that memory... that younger people keep that memory, and photography has this extraordinary action. It's our Mission, I keep it there in the museum, you also in photography. We are like that, guardians of that memory.

That's what we want to be!

Words by EMANOEL ARAÚJO

PRÊMIOS OBTIDOS PELO INSTITUTO OLGA KOS



Prêmio Cultura e Saúde

Ministério da Cultura, pelo Programa Nacional de Cultura, Educação e Cidadania – Cultura Viva em 2008 e 2010. O Instituto Olga Kos de Inclusão Cultural foi o único a ganhar “Nota 100” na região Sudeste



Colar de Honra ao Mérito Legislativo

É a mais alta comenda do Poder Legislativo Paulista conferido a pessoas naturais ou jurídicas que contribuem para o desenvolvimento



Prêmio Movimento Você e a Paz

4ª edição do Movimento Você e a Paz – Criado e idealizado pelo médium e orador espírita Divaldo Franco, a iniciativa existe desde 1998 e é uma atividade sem conotação religiosa ou política, que tem como propósito central desenvolver a cultura de paz por meio da conscientização quanto à necessidade de se contribuir para a conquista de um mundo com mais harmonia, tolerância, respeito e amor.



Prêmio Melhores ONGs ÉPOCA Doar

O IOK foi selecionado como uma das 100 melhores ONGs do Brasil em 2017 de acordo com os padrões de gestão e transparência. É uma ONG pra se DOAR, e alcançou a admiração e o apoio das pessoas.



Voto de Júbilo

Em 2015, a Câmara Municipal de São Paulo homenageou o Instituto Olga Kos com o Voto de Júbilo e Congratulações pelos relevantes serviços prestados às pessoas com deficiência intelectual, particularmente Síndrome de Down.



Prêmio Brasil Esporte e Lazer de Inclusão Social

1º lugar em nossa região no 2º Prêmio Brasil de Esporte e Lazer de Inclusão Social do Ministério do Esporte.



Prêmio ABCA – 2015

Reconhecendo a contribuição, para a cultura nacional, de críticos, artistas, pesquisadores, instituições e personalidades atuantes na área das artes visuais, a Associação Brasileira dos Críticos de Arte instituiu, em 1978, com o patrocínio da FUNARTE, um Prêmio Anual, em formato de um troféu. Desde então, vem sendo distribuído a personalidades do meio artístico. Todas as categorias de premiação possuem o nome de um crítico de reconhecida contribuição para a cultura e as artes plásticas brasileiras.



Prêmio LIF – 2013

O Prêmio LIF foi concebido em 2002 pela Câmara de Comércio França-Brasil com o objetivo de estimular, por meio do destaque e visibilidade dados aos projetos inscritos, sobretudo aos vencedores, a criação e/ou multiplicação de iniciativas que promovessem uma transformação em prol de melhores condições para as pessoas e a sociedade. O Instituto Olga Kos conquistou o 3º lugar da categoria “Apoio às Comunidades Locais” do XII Prêmio LIF.



Prêmio Areté

Apoio a eventos culturais em rede, Ministério da Cultura – Secretaria de Cidadania Cultural, em 2010.



II Encontro Cultural – Laços de Amizade Espaço K

O Projeto Laços de Amizade Espaço K em parceria com o Ministério da Cultura e o Banco Safra homenageou o Instituto Olga Kos como uma das 10 entidades ajudadas pelo projeto.



Prêmio Empresário Amigo do Esporte

6ª edição do Prêmio Empresário Amigo do Esporte, realizada na sede da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo – FIESP, premiou o Presidente do Instituto Olga Kos de Inclusão Cultural (IOK), Wolf Kos, na categoria Maiores Amigos do Esporte – Pessoa Física.



Prêmio Destaque do Ano – 2017

O objetivo do Prêmio é estimular a implementação de práticas inclusivas e aprimorar a gestão de políticas públicas, em especial na atuação com os municípios paulistas com ações inclusivas voltadas ao segmento das pessoas com deficiência. O IOK, além de ser um dos finalistas de ações inclusivas 2017, ganhou na categoria Destaque do Ano pela pluralidade cultural e esportiva para pessoas com deficiência.



Medalha Anchieta

A Medalha Anchieta é a maior honraria da cidade de São Paulo. O prêmio, sempre acompanhado do Diploma de Gratidão da Cidade de São Paulo, é concedido a personalidades e a instituições que, por meio de suas trajetórias, conquistaram a admiração e o respeito do povo paulistano.



Prêmio Chico Xavier

O prêmio foi instituído em março de 2013, homenageando pessoas e entidades que se destacam por atos e obras de amor ao próximo e de estímulo à elevação do espírito humano. A premiação visa ações que propiciem o engrandecimento e a harmonia nas relações entre os indivíduos na sociedade.



Prêmio Selo de Qualidade

O “Prêmio Selo de Qualidade” oferecido pela Secretaria de Esporte, Lazer e Juventude do Estado de São Paulo (SELJ) destaca os projetos pelo nível de excelência demonstrado na apresentação, execução e prestação de contas, atingindo alto grau de confiabilidade em conformidade com os critérios técnicos definidos no programa de incentivo ao esporte.



Ordem do Mérito Cultural

Reconhecimento do Governo Federal a personalidades, grupos artísticos, iniciativas e instituições que se destacaram por suas contribuições à Cultura brasileira em 2009.



Prêmio Tuxáua Cultura

Viva – 2010

O Ministério da Cultura contemplou o Instituto Olga Kos de Inclusão Cultural como Pontão de Cultura através do programa Cultura Viva



Salva de Prata

No ano de 2014, a Câmara Municipal de São Paulo outorgou Salva de Prata ao Instituto Olga Kos. A homenagem deve-se à realização de relevantes serviços prestados à sociedade paulistana, ao desenvolver projetos artísticos e esportivos, os quais visam facilitar o processo de inclusão social e cultural, além de contribuir para a melhoria da qualidade de vida de pessoas com deficiência intelectual, principalmente Síndrome de Down.



Selo Municipal de Direitos Humanos e Diversidade – 2020/2021

Fomos reconhecidos pelas boas práticas de gestão da diversidade e promoção dos direitos humanos através do projeto Karatê – Esporte de Respeito.



Prêmio Brasil Mais Inclusão – 2018/2019

O Prêmio é uma homenagem concedida anualmente pela Câmara dos Deputados, a empresas, entes federados (União, Estados e Municípios), entidades (ONGs, OSCIPS) ou personalidades que tenham realizado ações em prol da inclusão de pessoas com deficiência ou sejam, elas próprias, exemplos de vida e superação.



Pela Arte se Inclui

A Secretaria de Estado da Cultura, por meio de sua Assessoria de Cultura para Gêneros e Etnias, lançou em 2001 a campanha “Pela Arte se Inclui”. O Instituto Olga Kos está entre os escolhidos, fazendo parte do livro que reúne exemplos de que a arte também pode ser um meio para a inclusão social deste segmento da população.



Prêmio Brasileiro de Excelência Gráfica IPSIS

O Instituto Olga Kos foi agraciado no 28º Prêmio Excelência Gráfica IPSIS “Fernando Pini” 2018, na categoria livros culturais e de artes, no produto, Livro Caretas Marajojipe – Fotógrafo João Farkas.



Prêmio Funarte Respirarte

O vídeo “Alma Inclusiva”, produzido em 2020, rendeu ao Instituto Olga Kos o prêmio Funarte Respirarte na categoria Artes Integradas. A láurea anual abarca manifestações artísticas inéditas em diferentes segmentos e tem como intuito a promoção da arte e de vertentes culturais em todas as regiões do país.



Prêmio Empreendedores e Inovadores – 2020

O grupo FJR homenageou o empresário Wolf Kos, presidente do Instituto Olga Kos, com o título “Empreendedores Inovadores” de 2020. A condecoração é uma resposta a dedicação, empenho e advocacy que o empreendedor social realiza na instituição desde sua fundação, em 2007.



Selo de Acessibilidade Arquitetônica

Atribuído a edificações, espaços, transportes coletivos, mobiliários e equipamentos urbanos, indicando que são adequados e acessíveis para pessoas com deficiência. É concedido pela Secretaria Municipal da Pessoa com Deficiência (SMPED).



Diploma de Homenagem ao Dia Internacional da Síndrome de Down

Homenageado na Câmara Municipal de São Paulo em solenidade que lembrou o Dia Internacional da Síndrome de Down (21.03) e a importância de associações que atuam em prol da inclusão.



Selo da Lei de Incentivo ao Esporte

Certificado que premia o nosso evento Inclusão a Toda Prova – Corrida e Caminhada em Comemoração ao Dia Internacional da Pessoa com Deficiência (03/12). No reconhecimento, fomos contemplados com a categoria prata da Lei de incentivo ao Esporte.

Em 1988, Darcy Ribeiro nos convidou para fazer algo fantástico...
de viajar para cinco países da América Latina para fazer um
museu: o Pavilhão da Criatividade do
Memorial da América Latina.

...

Assim, passaram-se 20 anos no Memorial, durante os quais eu
tinha esquecido completamente ter sido fotógrafa até que, de
repente um dia veio o Instituto Moreira Salles querendo adquirir
minha coleção de fotografias. Comecei a busca-las, encontrando-
as nos cantos dos armários, perdidas, e assim começou uma
extensão da minha vida...

Agradecimentos

ECOLINES

Conceituação - Maureen Bisilliat

Tratamento de imagem - Fernando Bernardes

PERSPECTIVAS

Conceituação - Maureen Bisilliat

Tratamento de imagem - Fernando Bernardes

Produção - Cláudia Vieira Silvio Pinhatti Laboratório Fotográfico

Diagramação Felipe Lafe e Jacques Bisilliat

Assistente da Maureen - Carlos Dourado

Apoio -

Galeria Marcelo Guarnieri

Coleção IOK – Fotógrafos Brasileiros

1. Caretas de Maragojipe / João Farkas
2. Ensaio Fotográfico / Thomaz Farkas
3. Olho Nu / Rogério Reis
4. O livro Falado / Bob Wolfenson
5. Maureen_2022 / Maureen Bisilliat

Créditos Credits

FOTOGRAFIAS E TEXTOS
PHOTOGRAPHS AND TEXTS
© Maureen Bisilliat

DESIGN
Kiko Farkas / Máquina Estúdio

DIGITALIZAÇÃO E TRATAMENTO DAS IMAGENS
IMAGE TREATMENT
Silvio Pinhatti Estúdio

PRODUÇÃO GRÁFICA
PRODUCTION
Máquina Estúdio

VERSÃO EM INGLÊS
ENGLISH VERSION
Vértice Translate

REALIZAÇÃO
EXECUTION
Instituto Olga Kos de Inclusão Cultural
De Arte Promoções e Publicidade Ltda.

PRÉ-IMPRESSÃO E IMPRESSÃO
PREPRESS AND PRINTING
Ipsis editora e gráfica

